

EU SOU ATLÂNTICA

LUGARES E ROTAS DE
BEATRIZ NASCIMENTO

ALEX RATTIS





FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO

ROSALUX.ORG.BR

DIREÇÃO

Andreas Behn

COORDENAÇÃO DE PROJETOS

Christiane Gomes

ORALITURAS EDITORA

ORALITURAS.COM.BR

TEXTO E PESQUISA

Alex Ratts

PRODUÇÃO EDITORIAL

Maitê Freitas

REVISÃO

Ana Rita Souza

REVISÃO FINAL

Alanne Maria

PROJETO GRÁFICO, ILUSTRAÇÕES

Silvana Martins Costa - Estúdio Aruêra

PRODUTORA ASSOCIADA

Rita Teles (Núcleo Coletivo de Artes)

AGRADECIMENTOS

Bethânia Nascimento (Fundação Beatriz Nascimento)



© Todos os direitos reservados para Alex Ratts.





À ISABEL NASCIMENTO,
CUJO ESTÍMULO E APOIO ESTÃO NO
COMEÇO DESSAS BUSCAS E LINHAS.

A JOSÉ MARIA NUNES PEREIRA,
O ANTICOLONIAL INCANSÁVEL.

À BETHANIA NASCIMENTO FREITAS GOMES,
TRADUÇÃO DE AMIZADE E IRMANDADE.

O MAR VAGUEIA ONDULOSO
SOB MEUS PENSAMENTOS
A MEMÓRIA BRAVIA LANÇA
O LEME:
RECORDAR É PRECISO

O MOVIMENTO VAIVÉM
NAS ÁGUAS-LEMBRANÇAS
DOS MEUS MAREJADOS OLHOS
TRANSBORDA-ME A VIDA,
SALGANDO-ME O ROSTO
E O GOSTO.

SOU ETERNAMENTE
NÁUFRAGA
MAS OS FUNDOS OCEANOS
NÃO ME AMEDRONTAM
E NEM ME IMOBILIZAM.

UMA PAIXÃO PROFUNDA É
A BOIA QUE ME EMERGE
SEI QUE O MISTÉRIO
SUBSISTE ALÉM DAS
ÁGUAS

CONCEIÇÃO EVARISTO
NAVEGAR É PRECISO

QUANDO PELA GARGANTA

DESCE ABRUPTA MÃO,
NENHUM PUNHO FECHADO PODE
TRANSMUTAR NOSSO CANTO LIVRE
EM GRITO

HÁ SEDE É VERDADE,
ESSE ARDOR PELO ESPAÇO USURPADO
E NERVOS
SEM DECLINAR DE QUALQUER
SENTIMENTO GENTIL
SALVO A PALAVRA BRUTA.

TUDO O QUE TRANSPORTA O AR,
NÓS REVELAMOS.

SONHAMOS COISAS QUE EXISTIRÃO,
AINDA QUE VOCÊ
SEMPRE DUVIDE.

NEM TODO O PRIVADO DE VISÃO
É CEGO;
QUEM RALA A ALMA PELO LADO
DE FORA

SIM.

VENTRE ARMAZENADO DE
CALOR.
NEGR0, A COR DE PRINCÍPIOS.

PAULO COLINA

QUANDO PELA GARGANTA



PREFÁCIO

SUELI CARNEIRO



MULHER, negra, nordestina, quilombola urbana contemporânea, historiadora, poeta, ativista, pensadora: qual o seu lugar - em seu tempo - para a academia e para os movimentos negros? São essas as questões que Alex Ratts se propõe a responder nesse belo livro *Eu sou atlântica: lugares e rotas de Beatriz Nascimento*. E ao buscar fazê-lo, através do que ele denomina “de recolocar em pauta a voz da intelectualidade negra que, entre os anos 1960 e 1980, construiu um mundo novo, um mundo negro, com o corpo, a fala e a escrita, se deslocando entre espaços de um vasto mundo bastante adverso”, Ratts nos indica os caminhos teóricos e políticos (metodológicos?) passíveis de serem trilhados para se articular os múltiplos posicionamentos que a condição racial, de gênero e a situação de classe nos impõem, em especial no âmbito das relações raciais no Brasil, conformando sujeitos políticos e de conhecimento capazes de deslocarem e resignificarem processos de reificação que suportam a subalternização racial e de gênero.

Ratts nos traz de volta Beatriz Nascimento e nos permite continuar o diálogo interrompido pela sanha assassina de um misógino que logrou silenciar, para sempre, uma rainha. Mas, como rainhas não morrem, elas saem de cena num rastro de luz como as estrelas, ei-la, de volta, trazida pelas mãos de Ratts ecoando os seus e os nossos sonhos de liberdade.

Tive o privilégio de assistir à sua célebre conferência na Quinzena do Negro na USP, em 1977, evento organizado por Eduardo de Oliveira e Oliveira. Lá estava ela, vestida de dourado, parecendo uma manifestação de Oxum em terra, audaciosa nas ideias, bela na imagem, ativa na interlocução. Um momento mágico de afirmação de uma

mulher negra como sujeito do conhecimento sobre o seu povo. Um momento mágico de sabedoria e sedução, de elegância e perspicácia como se estivéssemos num ritual yorubá de culto ao poder feminino.

Historiadora, libertou a negritude do aprisionamento acadêmico ao passado escravista atualizando-lhe os signos e construindo novos conceitos e abordagens. Assim é a noção de **quilombos urbanos**, conceito com o qual ela ressignifica o território/favela como espaço de continuidade de uma experiência histórica que sobrepõe, à escravidão, a marginalização social, segregação e resistência dos negros no Brasil.

Ratts inova dentro de uma tradição intelectual ou acadêmica em que a crítica cultural feminista e antirracista, e o pensamento que as suportam, raras vezes, são convocadas para o diálogo acadêmico, como algo necessário entre pares. Inova não apenas por dedicar-se ao trabalho de uma intelectual e ativista negra singular, de ideias arrojadas e estilo de vida igualmente transgressor ou insurgente. Mas, sobretudo, pelo fato de decisões como essa, de prestar tributo ao pensamento de Beatriz Nascimento, ser parte de um processo de reconhecimento permanente em seus estudos, da dimensão de gênero como condição essencial, além da de classe e de raça para a compreensão e enfrentamento/equacionamento dos desafios teóricos e práticos relativos à superação das flagrantes desigualdades sociais. Ao situar Beatriz Nascimento como “uma das âncoras” para seu barco “à deriva no Atlântico negro”, Ratts nos dá a clara sinalização de por onde passa, necessariamente, não apenas o seu percurso pessoal, como o coletivo de todos nós, negros e negras acossados pela experiência histórica de sermos simultaneamente indi-

víduos e coletividade imersos no movimento de busca “por raízes e rotas correlatas” que nos permitam retornar ao porto seguro de uma identidade não codificada e, por conseguinte, livre.

É esse o esforço em que se empenha a geração de intelectuais negros dos quais Ratts é uma das mais profícuas expressões. Sinalizando os novos devires que estão sendo construídos, a partir da negritude, em que o que se afirmará, no futuro, não será mais uma identidade negra como movimento, e sim o movimento da história a partir da ótica dos negros, configurando, como afirma Beatriz Nascimento, um outro projeto de país informado por uma “abertura da nacionalidade brasileira”.

A invisibilização e o silenciamento do pensamento negro têm consistido numa das formas mais eficazes para a permanência e reprodução da alienação cultural e para o postergamento da emergência e florescimento do pensamento crítico negro. As escolhas teóricas e os objetos de saber apropriados por Ratts, intencionalmente voltados para o reposicionamento acadêmico de “saberes sepultados”, que compõem o patrimônio político/cultural e libertário do povo negro, expressam um projeto de investimento no resgate de uma “linhagem de pensamento” e, conseqüentemente, de afirmação de sujeitos do conhecimento histórica e academicamente desprezados. Uma tarefa acadêmica e um posicionamento político de um intelectual negro insurgente em busca da efetiva emancipação intelectual das gerações que virão. A modéstia e o respeito do autor em relação à figura ímpar de Beatriz Nascimento o impedem de assumir o que, para ele, seria um gesto autoritário, como ele nos diz: o de restabelecer essa voz silenciada pelo tempo e sobre-

tudo pelos processos de invisibilização da produção acadêmica, militante e demais saberes sujeitados da resistência negra. Modestamente, coloca-se “em face de seu discurso, de mulher negra, ativista e intelectual e travo um diálogo com suas ideias respeitando contextos e trazendo à luz, nomes/vozes de algumas pessoas que lhe foram referência e interlocutoras em diferenciados territórios discursivos e determinados campos de interação”. Assim, revivida, Beatriz Nascimento ressurgiu diante de nós, pronta para os novos embates que o presente nos coloca no plano teórico e da ação política.

Obrigada, Alex Ratts.



SUMÁRIO

12	PREFÁCIO Sueli Carneiro	108	[06] A TERRA É O MEU QUILOMBO Quilombo: um campo de disputas A trajetória de Beatriz Nascimento em direção ao quilombo
20	[01] ANTES TUDO ACONTECESSE COMO ACONTECEM AS HISTÓRIAS Pontos fixos de uma trajetória não linear Um nome, um horizonte	128	[07] CORPO-MAPA DE UM PAÍS LONGÍNQUO Corporeidades negras transatlânticas e transmigradas Corpo: documento e mapa
40	[02] É TÃO BOM O RETORNO Mulher negra acadêmica, ativista e intelectual Esquecimento e memória	144	[08] ORÍ, ESSE PROCESSO DE FAZER A CABEÇA Escrita poética e descolonização Rebobinando o filme do movimento negro
52	[03] QUANTOS CAMINHOS PERCORRO Um navio atrás das palmeiras As vias retas da cidade	164	[09] EU SOU ATLÂNTICA Passagem e retomada Mais que fugas, buscas
74	[04] ESTE PROJETO É TAMBÉM UM GRANDE SONHO Um projeto negro Territórios do discurso	184	[10] PALAVRAS DE RECONHECIMENTO
90	[05] ESSE EMARANHADO DE SUTILEZAS A história do ponto de vista negro Mecanismos do racismo	188	REFERÊNCIAS
		202	NOTAS

[01]

ANTES TUDO
ACONTECESE COMO
ACONTECEM AS
HISTÓRIAS

BEATRIZ. Nascimento. Muitos anos após a partida abrupta, continuo em direção à pessoa - alma / soul - e, agora, prossigo para retomar o encontro com a trajetória e a obra. Mais uma vez travo uma busca com alguns intervalos, respeitando contextos e trazendo à luz nomes/vozes de algumas pessoas que lhe foram referência e interlocutoras em diferenciados territórios discursivos e determinados campos de interação. Me reposiciono em face de uma mulher, negra, intelectual, ativista e artista, desde o tempo das avós, de pai e mãe, o nascimento no começo da década de 1940, expande-se desde o final dos anos 1960, dos tempos de estudante para se tornar uma figura pública, passando pelo esquecimento nos circuitos acadêmicos, com a memória reverenciada pela militância, de meados dos anos 1990 aos 2000, e, nas décadas recentes para entrar, usando seus próprios termos, em um período de “recuperação” e de “retorno”.

O terreno em constante construção é um patamar de reencontro marcado por reconhecimentos de raça e gênero, de falas e escritas, de lugares e momentos com imagens, fixas ou em movimento, provenientes de um corpo-espaco, uma *terra negra*, como ela diz, uma pessoa que seguramente me comove e continua me convencendo cada vez que a leio, vejo ou escuto - ainda que, vez ou outra, identifique alguma contradição. Beatriz Nascimento é uma das âncoras de meu barco à deriva no Atlântico Negro e esse livro é fruto da experiência de um indivíduo em movimento por raízes e rotas correlatas. Navego. Me perco. Paro. Aporto. Me animo. Escrevo.

Segunda metade dos anos 1980. Parte desse meu deslocamento se deu ainda em Fortaleza, em tempo de inserção na militância - na luta por moradia e território

de comunidades de favela e negras rurais - combinada com o enveredamento pela vida acadêmica, quando, em grupo, assistimos *Orí*, documentário de Raquel Gerber (1989) do qual ela é personagem, autora e narradora dos textos. No filme, a trajetória de Beatriz Nascimento aparece entremeada com eventos e expressões culturais da gente negra e dos movimentos negros em ligação com a diáspora africana.

Cada pessoa pode se reorientar nesse vasto horizonte, com os fragmentos de heranças e perspectivas que possam amalgamar enquanto coletividade racializada, refazendo um caminho nesse mar, nessa terra escravista, racista e sexista. Em cada capítulo, evidencio personas e coletividades recompostas em fuga, combate, negociação e busca por territórios móveis, movidos à força e, enfim, construídos, numa terra estranha que nos estranha e devia ser “nossa” junto com os povos originários.

Início dos anos 2000. Em um evento acadêmico de determinada sociedade científica, quando apresento uma comunicação acerca do percurso intelectual de Beatriz Nascimento, um homem branco europeu, radicado no Brasil e inserido no campo de estudo das relações raciais, tenta me “alertar” para ter cuidado ao erigir estes “bustos negros”, com o intuito de me prevenir da vontade de (re) construir um mito. Em resposta, digo que o busto dela e de outras expoentes da intelectualidade negra não estão edificadas em nenhuma cidade brasileira, e o “monumento” que merecem é o retorno aos seus pensamentos e posicionamentos, aos textos e às falas.

Reitero que o esforço é de reconhecimento. O estranhamento e o distanciamento, exigidos para se alcançar a suposta objetividade científica, comparecem como

experiências controladas. Faço eco a Abdias Nascimento (1978) na introdução ao livro *O genocídio do negro brasileiro*, sem me imaginar à altura dele ou de Beatriz:

O ensaio que desenvolverei nas páginas a seguir não se molda nas fórmulas convencionalmente prescritas para trabalhos acadêmicos e/ou contribuições científicas, nem está o autor deste interessado no exercício de qualquer tipo de ginástica teórica, imparcial e descomprometida. Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada (p.41).

Ao me aproximar da trajetória de Beatriz, que, em parte, é a minha, comprometo a escrita deste livro de maneira inequívoca, e nele ponho razões e emoções, sem dicotimizá-las. Muitas vezes me pego diante de uma fotografia

dela como se fosse um espelho, embora este não reflita a minha imagem. Às vezes, verto uma lágrima que turva a visão, como na madrugada na qual acessei na web as notícias da passagem violenta em janeiro de 1995. Parafraseio a letra de *Canção do novo mundo*, da autoria de Beto Guedes e Ronaldo Bastos, que traz uma menção à perda de John Lennon: “quem souber dizer a exata explicação / me diz como pode acontecer / um simples canalha mata uma rainha?”.

Numa hora como essa, lamento muito, porque imagino os projetos interrompidos e supero o amargo do sentimento, quando imagino que se realizam em outras pessoas e coletividades por esse país adentro e afora. Ressalto as fisgadas no peito por sentir-me, às vezes, muito perto diante de alguém que não conheci em vida. Me distancio e me aproximo de Beatriz por diferenciados percursos pessoais, em parte justapostos no que concerne aos espaços acadêmicos, militantes e artísticos, assim como na transmigração, termo cunhado por ela. Me distancio e me aproximo em face do contexto teórico e político contemporâneo, que permite a mim e outras pessoas do mesmo circuito nos colocarmos diante semelhantes com mais possibilidades de publicação, inclusive empreendendo a edição de obras inéditas ou raras. Tenho proximidade e distância no tocante aos dilemas e cuidados com o orí, a cabeça.

À diferença de uma biografia na qual se imagina ligar muitos pontos da vida de alguém, prefiro denominar este livro como um estudo de trajetória: a retomada e/ou rememoração de pessoas, coletivos e processos em correlação lugares e trajetos, ou seja, uma memória espacializada. Uso prioritariamente material escrito e publicizado, sobretudo documentos textuais e audiovisuais – artigos,

ensaios, poemas, aforismos e filmes – disponíveis em acervos públicos e privados¹, sem deixar de registrar as memórias afloradas no contato com familiares e pares de trabalho ativista, acadêmico e artístico².

Em mais de um trecho, como fiz acima, detenho-me a falar da pessoa, da persona que, expunha em textos e falas criticidade, subjetividade e poética. O livro também não traz uma história dos movimentos negros em terras brasileiras, apesar de, eventualmente, tecer considerações a respeito desse cenário, principalmente em relação ao Rio de Janeiro e a São Paulo.

Nesta segunda edição, no tocante aos capítulos, acrescentei dois: um acerca da rota familiar e estudantil desde o nascimento em Aracaju até a partida e chegada no Rio de Janeiro, e outro concernente ao trabalho poético e à divulgação do filme *Orí* (1989). Alterei a ordem de alguns tópicos. Retirei algumas citações, acrescentei várias. As considero como vozes “da época” ou relatos principalmente da intelectualidade negra. Outras vozes estão devidamente assinadas. Mantive as fontes e acrescentei alguns documentos textuais e audiovisuais. É um outro livro, devo reconhecer, que porta muito da perspectiva, escrita e temário do anterior. Mudei o subtítulo, evidenciando lugares e rotas.

PONTOS FIXOS DE UMA TRAJETÓRIA NÃO LINEAR

Para delinear a trajetória de Beatriz Nascimento, ou seja, o deslocamento por espaços sociais diferenciados e distintos, é necessário discorrer acerca de diversos

locais e momentos. Igualmente, não pode ser evocada sozinha, sem pares, o que exige retomar nomes de circuitos familiares, acadêmicos, políticos e artísticos. Nesse sentido, apresento uma síntese dos espaços e percursos de uma persona oriunda de coletividades negras das classes populares que, em pleno regime militar, por meio de estudos e da militância, torna-se uma figura pública de expressão nacional. Pontos fixos de uma trajetória não linear, que têm coerências e alterações de rotas. Em *Acontecências*, a historiadora e poeta toca no movimento do acontecer face ao existir:

*As acontecências
Nem sempre acontecem
Acontecem como aconteciam
Em meandros da vida
As acontecências
Nem sempre acontecem
Na gente*

ARACAJU, 1942. Nasce Maria Beatriz do Nascimento, filha de Rubina Pereira do Nascimento, dona de casa, e Francisco Xavier do Nascimento, pedreiro, a oitava dentre um conjunto de seis irmãs e quatro irmãos. No cenário internacional, acontece a Segunda Guerra Mundial, e no quadro nacional, um período ditatorial capitaneado pelo presidente Getúlio Vargas. Ao final da década, mais precisamente em 1949, a família migra para o Rio de Janeiro, dentro do contexto da grande migração entre

estados que vêm a constituir o Nordeste e o Sudeste, combinada com a urbanização e a industrialização no Rio de Janeiro e em São Paulo.

RIO DE JANEIRO, 1968. No ano do endurecimento do regime militar com o Ato Institucional N° 5, a jovem Beatriz, moradora do subúrbio, inicia o curso de história no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ), então sediado no Largo São Francisco, centro da cidade. Ao final do curso, estagia no Arquivo Nacional quando tem contato com a documentação colonial. Ano de 1972. Conclui o curso e, pouco tempo depois, passa a escrever e publicar sobre questões raciais, demarcando um ponto de vista negro³.

ANOS 1970. Em várias regiões capitais do país surgem grupos negros pertencentes, sobretudo às classes populares que trazem como temas e atuações principais o racismo e a negritude. Formam o que passa a ser denominado de movimento negro. No Rio de Janeiro e em outras cidades, - São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre -, acontecem bailes cuja trilha sonora é a música afro-americana e brasileira. Dentre outras denominações, movimento soul é uma expressão que se repete nas memórias.

Do casamento de Maria Beatriz Nascimento com o arquiteto e artista plástico cabo-verdiano José do Rosário Freiras Gomes, o Djosa, nasce Bethania, única filha, que posteriormente, ainda muito jovem, viaja para os Estados Unidos e se torna bailarina da Companhia Dança-Teatro do Harlem. A nova família reside em Botafogo, na Zona Sul carioca, deslocamento que tem implicações em lembranças e reflexões. Sua irmã, Isabel Nascimento, assistente social, casa-se com o sociólogo José Maria

Nunes Pereira, militante de causas africanas anticoloniais. No final da década, residindo em Botafogo, Beatriz conhece o músico de origem judaica Roberto Rosenberg que se torna seu companheiro nos anos seguintes.

ENTRE 1974 E 1978. Beatriz Nascimento escreve e publica artigos e resenhas, concede entrevistas para veículos de circulação nacional, participa de eventos acadêmico-políticos, em mesas redondas, palestras e conferências. Nesses registros, aparecem a questão da mulher negra e o tema do quilombo. Entre 1979 e 1981, desenvolve um projeto de pesquisa - *Sistemas sociais alternativos organizados pelos negros - do quilombo à favela* - e cursa, ao mesmo tempo, a especialização e o mestrado em história na Universidade Federal Fluminense (UFF), campus do Gragoatá. Este último não foi concluído.

ANO DE 1974. Beatriz Nascimento publica dois artigos sobre “história do negro” e racismo questionando a ciência e a intelectualidade branca. A partir de eventos e processos anteriores, um crescente grupo de pessoas negras se reúne no Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) da Universidade Cândido Mendes. Em grande parte, eram estudantes com interesse na história africana e negra, assim como nas relações contemporâneas entre África e Brasil. Os primeiros textos lidos no coletivo foram aqueles por ela publicados.

ANO DE 1977. Na Quinzena do Negro, realizada entre 31 de maio e 29 de junho, na Universidade de São Paulo, organizada pelo sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira, Beatriz Nascimento é uma das conferencistas, o que indica o reconhecimento público dos estudos acerca das questões negras e raciais, em especial dos quilombos. Conhece pessoas do circuito ativista negro paulista e, dentre pessoas não negras do horizonte político

da esquerda que têm trânsito na USP, Raquel Gerber, socióloga, assiste à conferência e inicia uma aproximação com ela que resulta no documentário *Orí*.

Beatriz viajou duas vezes à África: uma para Angola, em 1979, com intenção de conhecer territórios de “antigos quilombos” africanos e, outra, para o Senegal, em 1988, para o Festival de Artes e Culturas (FESPAC). Na viagem para Angola, passa por Lisboa. Esteve também em Berlim, em 1994, para apresentar e debater o filme *Orí*. Em outro poema, discorre acerca da importância da viagem, das *Rotas, de dilemas e errâncias*:

QUANTOS CAMINHOS PERCORRO
A QUANTOS CHOROS RECORRO
AO FIM DE CADA CANSAÇO
O QUE É AQUELA CAMA
QUE DAQUI OBSERVO?
VAZIA E DESFEITA
COMO O ACONTECIDO?

QUANTAS PERGUNTAS ME FAÇO
SE CERTO OU ERRADO, OU PURA
DESATENÇÃO?
SE PROCEDENTE OU CONTRÁRIO
SEM CHEGAR À DECISÃO
DE ABANDONAR DE UMA VEZ
SONHO HÁ MUITO ACUMULADO

O QUE É AQUELA CAMA NO ESCURO?
 MANCHADA DE TANTAS CULPAS
 QUE CAMINHAM COMO VÍBORAS
 E SUGAM AOS POUCOS MEU CORPO?
 QUEM SALTARÁ SOBRE ELA
 PARA IR EM MEU SOCORRO?

 QUANTOS CAMINHOS VIVI
 EM QUANTAS VEREDAS SOFRI
 A ÂNSIA DE SER FELIZ?
 COMO ME ENCONTRO AGORA
 ERRANTES COMO SEMPRE FORAM
 AS SENDAS QUE ESCOLHI

Se as rotas não foram de todo planejadas e não têm linearidade, ela mesma e quem se interessa por sua trajetória atribui sentido aos deslocamentos experimentados e registrados. Nos anos 1970, o percurso estudantil, acadêmico e militante com projeção nacional era uma raridade para qualquer pessoa negra de origem trabalhadora e migrante.

NOS ANOS 1980, Beatriz se torna professora de história em escolas da rede pública fluminense. Dedicar-se à escrita e à falapoética, como se vê na narração do filme *Oríe* em dezenas de poemas manuscritos e datilografados. Tem ligações com o circuito da literatura negra. Continua publicando artigos relacionados à pesquisa sobre quilombos e outros relativos a temas negros. Nesse período, é diagnosticada com transtornos psíquicos, algo que rememora em entrevistas, aforismos e poemas. Compõe o Conselho Consultivo da Revista de Estudos Afro-Asiáticos e do Conselho Editorial do Boletim do Centenário da Abolição.

EM 1992, volta para o espaço acadêmico e inicia o mestrado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), com orientação do comunicólogo Muniz Sodré. Tem a trajetória interrompida em janeiro de 1995, de forma violenta, num contexto que se denomina atualmente como feminicídio.

EM 1999, Bethania Nascimento Freitas Gomes doa o acervo de Maria Beatriz Nascimento contendo centenas de documentos textuais, além de sonoros e iconográficos para o Arquivo Nacional. Além da documentação – pessoal, acadêmica, trabalhista –, há registros de falas e escritas em entrevistas e artigos para veículos de circulação nacional – Revista de Cultura Vozes, Jornal do Brasil, Revista Manchete – e na imprensa negra – Maioria Falante, Jornal do MNU.

Em vida, Beatriz alcançou significativa visibilidade à semelhança de várias outras personas negras acadêmicas-militantes. No entanto, a fértil trajetória e o prolífico trabalho não implicaram em que fosse considerada uma autora para os círculos acadêmicos hegemônicos de estudos das relações raciais e da cultura negra. A militância, especialmente as feministas negras, mantém a memória e o reconhecimento.

UM NOME, UM HORIZONTE

Mulher, negra, nordestina, migrante, historiadora, militante, professora, poeta, pensadora: qual o seu lugar – em seu tempo – para a academia, os movimentos negros e a literatura? Qual é a Beatriz Nascimento que vislumbramos nos três campos em questão? Haverá para ela um lugar único? A recusa em ocupar o espaço social delimitado para as mulheres negras na estrutura social brasileira, racista, sexista e classista, levou-lhe a experimentar um outro lugar de fala.

No esforço para identificar fios condutores de uma trajetória, como Alice Walker (2021) em busca da “desconhecida” antropóloga e escritora Zora Neale Hurston, almejo situar Beatriz Nascimento para que seja vista em continuidade e figure com o teor e a densidade da palavra proferida, assim como dos posicionamentos no rol da intelectualidade ativista negra antecessora em ideias e determinação.

Ao tratar do silêncio acerca das mulheres na sociedade brasileira, Sueli Carneiro (2004) aponta a necessidade do

duplo ato de lembrar e nomear para se contrapor à invisibilidade das mulheres negras no espaço público:

Lembrar/Esquecer. Esse par terminológico nos remete à lembrança e à memória – qualidades que ainda nos custam caro e que esse trabalho, de uma forma ou de outra, acaba por trazer à baila. insistimos: ao nomear, estamos relembrando, rememorando. Mas, não só isso. Seguindo à risca o preceito que diz “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1995, p. 55), procuramos, numa perspectiva dialógica, reatualizar e ressignificar as experiências de nossas pioneiras com as práticas e inserções contemporâneas. Passado/presente, sonho/utopia, lembrança/memória, são pares que atravessam este ensaio e que são denunciados pela citação de mulheres de tamanha magnitude (p. 287).

Essa postura está igualmente colocada no artigo *Lembrando Lélia Gonzalez* de Luiza Bairros (2000), relativo à companheira de atuação intelectual e política. Com base em escritos como este, considero necessária a busca por textos e falas de autoria negra, especialmente das mulheres, neste caso, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Neusa Santos Souza, Helena Theodoro, Mundinha Araújo, Diva Moreira, dentre tantas.

Em uma sequência do filme *Orí*, a narração se sobrepõe à imagem de um mangue e depois de avenida movimentada de uma grande cidade, no caso São Paulo, Beatriz

se dirige à Raquel Gerber, com voz tranquila, lembrando de Eduardo de Oliveira e Oliveira, amigo e companheiro de ativismo acadêmico, e profere:

*“Essa cidade que Eduardo amou...
Eu tô voltando, Raquel... É tão
bom... É tão bom o retorno!”*

(NASCIMENTO, 1989A).

Assumo aqui a ideia de “retorno” enquanto um propósito em curso, não isolado, de trazer a lume uma parte da voz da intelectualidade negra que, entre os anos 1960 e 1990, construiu algo novo, um mundo negro, com o corpo, a voz, o texto, deslocando-se em um vasto mundo bastante adverso. Desde a primeira versão desse livro, almejo que Beatriz Nascimento seja reconhecida nos campos que a constituem e que ela participa da formação. Este processo é relativamente recente e notoriamente crescente.

Me permito dizer que, ao alcançar algum plano de entendimento de uma persona semelhante e muito diferente de mim, sigo em busca de uma persona especial, pressupondo o quanto foi demorado, intrincado e caro para ela fazer e refazer a si mesma e adquirir uma elaboração estética, pessoal e política, com o custo da solidão, ainda que vivencie coletividades.

BEATRIZ
NASCIMENTO É
UMA EXCEÇÃO NUM
CERTO SENTIDO,
QUANDO PENSAMOS
NA SITUAÇÃO DAS
MULHERES NEGRAS
NO MUNDO
CONTEMPORÂNEO,
MAS BASTANTE
COMPREENSÍVEL
QUANDO OLHAMOS
PARA A TRAJETÓRIA
DE MULHERES
NEGRAS INTELECTUAIS
ATIVISTAS. É ÍMPAR E
TEM PARES.



[02]

È TÀO BOM
O RETORNO

ANOS 1990. Na Universidade de São Paulo, há o Núcleo de Consciência Negra e, além dele, um conjunto de pessoas negras se aglutina e promove falas de intelectuais, ativistas e artistas: a exemplo de Henrique Cunha, integrante da Frente Negra Brasileira, do grupo de rap Racionais MC's e do geógrafo Milton Santos. Aos poucos me aproximo desse circuito. Nos cursos, nem mesmo na área de humanidades, não circulam autorias negras. Uma das exceções são as aulas de Kabengele Munanga, an- tropólogo congolês radicado no país.

ANO 2000. Em uma das reuniões de preparação à Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, marcada para acontecer no ano seguinte na África do Sul, vejo Abdias Nascimento encerrar um discurso evocando os nomes de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. Comento com Sueli Carneiro como se poderia ir além e trazê-las para o debate por meio dos textos. Tempos depois, inter- pelado por ela, entendi o que podia e devia fazer. Inicial- mente, não consigo ir muito longe. No final da tese sobre quilombos, remeto-me a Milton Santos, Muniz Sodré e Beatriz Nascimento. Mais à frente, enveredo-me nessa viagem sem volta em direção às personas e autorias negras, particularmente as mulheres, por vezes solitário e, em outras, com diletas companhias⁴.

MULHER NEGRA ACADÊMICA, ATIVISTA E INTELECTUAL

ANOS 1970 E 1980 O ponto principal é a trajetória acadêmica e militante de uma mulher negra, o trabalho de formulação e veiculação de ideias, por meio da escrita e de falas públicas. Para os Estados Unidos da América, um de nossos invariáveis espelhos para o debate racial, bell hooks (1995) apresenta a dificuldade de optar por esse percurso, sendo afro-americana:

Ao longo de nossa história como afro-americanos nos Estados Unidos surgiram intelectuais negros de todas as classes e camadas da vida. Contudo a decisão de trilhar conscientemente um caminho intelectual foi sempre uma opinião excepcional e difícil. Para muitos de nós, tem parecido mais um “chamado” que uma escolha vocacional. Somos impelidos, até mesmo empurrados, para o trabalho intelectual por forças mais poderosas que a vontade individual (P. 465).

Em terras brasileiras, durante o regime militar, esse horizonte raramente é imaginado para uma pessoa negra. Além disso, seguindo bell hooks, nem todas as pessoas acadêmicas se tornam intelectuais, assim como nem todas consideradas intelectuais têm formação acadêmica. A figura intelectual hegemônica – branca e, sobretudo, masculina – está ligada ao pri- mado da escrita, aos livros.

Em sentido contrário, a crítica literária afro-americana, Barbara Christian (2002), aponta formas antigas de teorização nas comunidades negras:

As pessoas de cor sempre teorizaram, mas de forma bastante diferente do modelo ocidental de lógica abstrata. Inclino-me até a afirmar que o nosso teorizar (e eu uso aqui intencionalmente o verbo em vez do substantivo) aparece frequentemente em nossas formas narrativas, nas histórias que criamos, em adivinhações e provérbios, nos jogos de linguagem, já que o dinamismo de ideias parece nos agradar mais do que qualquer rigidez (p. 87).

Dentre a intelectualidade negra proveniente desse horizonte, existe quem vivencie trânsitos e confrontos entre espaços marcados por raça, gênero e classe. Um dos exemplos é a escritora Carolina Maria de Jesus, mineira, migrante em São Paulo, moradora de uma favela, e catadora de papel que, no início da década de 1960, publica *Quarto de despejo*, uma compilação de diários, tendo ainda em seus cadernos provérbios, poemas e romance, livro que alcança um alto patamar de vendagem e é traduzido em várias línguas. No campo literário há também Geni Guimarães, nascida no interior de São Paulo, poeta, contista e romancista, autora de *Leite do Peito* e participante do circuito da literatura negra dos anos 1980.

Outro exemplo é Lélia Gonzalez: migrante mineira de família trabalhadora, mãe indígena, empregada doméstica, e pai negro, ferroviário; estuda em escolas públicas,

incluindo o Colégio Pedro II; aprende francês e se torna tradutora; é professora de universidades particulares (chega a ser chefe do departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio). De meados dos anos 1970 ao final da década seguinte, tem uma intensa atividade acadêmica-militante em comunicações e publicações, cursos, reuniões, participação em eventos nacionais e internacionais com reconhecimento público (Ratts e Rios, 2010). Em vários de seus ditos e escritos, traz a linguagem coloquial e as africanidades do português brasileiro.

Outra persona negra do meio acadêmico, Milton Santos (2001) pontua uma concepção de intelectual com uma significativa diferenciação: “Por definição, vida intelectual e recusa a assumir ideias não combinam. Esse, aliás, é um traço distintivo entre os verdadeiros intelectuais e aqueles letrados que não precisam, não podem ou não querem mostrar, à luz do dia, o que pensam”.

Para o cenário em foco, cabe indagar: como uma pessoa negra se torna uma intelectual no Brasil? Sem resposta precisa para a questão, o material consultado me sugere vários caminhos de leitura, pesquisa e escrita trilhados por Beatriz Nascimento e semelhantes. Entre as décadas de 1970 e 1990, há uma aproximação intergeracional na intelectualidade negra, com algumas referências de tempos anteriores como Abdias Nascimento e Clóvis Moura. De forma alguma, constituem um pensamento único.

No Rio de Janeiro, Beatriz estuda em escolas públicas. Nos tempos de UFRJ, se desloca entre o subúrbio e o centro da cidade, para ir ao ICHF e ao Arquivo Nacional. Nesse ponto da trajetória, envereda pela pesquisa e escrita, algo imaginável apenas para determinadas pes-

soas brancas escolarizadas que, em sequência, fazem um percurso acadêmico, publicam – ensaios, artigos, livros – e alçam projeção intelectual.

Um parâmetro para se pensar o período é a vigilância e o exílio de personas negras durante o regime militar: no primeiro caso, Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez, e, no segundo, Abdias Nascimento, Clóvis Moura, Joel Rufino, Thereza Santos e Milton Santos. BEATRIZ, Lélia, dentre outras expoentes dessa coletividade, ficam sob a mira do regime.

ANOS 2000 Quando me dedico a seguir os indícios de Beatriz Nascimento, a relativa invisibilidade da mulher negra no espaço público, acadêmico e político, é ampla, em face de barreiras combinadas de raça, gênero e espaço, incluindo residência e procedência. Anos 1970. Quais são as condições de estudo e leitura de mulheres negras? Quantas têm a possibilidade de adentrar a universidade? Dentre estas, quais se tornam professoras, pesquisadoras, escritoras e intelectuais?

Uma mulher negra proveniente de família trabalhadora, residente em bairros populares, que elabora e expõe um pensamento próprio nos parâmetros acadêmicos, rompe com esses processos de invisibilidade na sociedade e, particularmente, na universidade. Uma mulher negra professora e pesquisadora jamais é imperceptível no campus, mas talvez ainda seja nesse território enquanto autora. **Mais uma pergunta pode ser interposta: quem lê autoras negras – brasileiras, amefricanas, africanas – como teóricas nas diversas áreas do conhecimento, inclusive as que atravessam fronteiras disciplinares?**

A partir de Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Neusa Santos Souza, Helena Theodoro, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e outras, depois da feminilização e enegrecimento do corpo discente nas duas últimas décadas, ainda se configura como projeto ver a universidade se constituir no corpo docente como um espaço feminino negro.

A intelectualidade branca atuante na academia, instalada em delimitadas áreas de conhecimento e campos de estudo e pesquisa, produz nos circuitos acadêmicos consolidadas redes profissionais e de intervenção social. Promovem uns aos outros e às outras, citam-se mutuamente. Criam ou elegem para si espaços restritos e quase nunca evidenciam a branquitude que os amalgama, mesmo que se aproximem, vez ou outra, de uma persona negra intelectual. A supremacia branca está representada em grupos com acesso a financiamentos, na coordenação de cursos de graduação e, sobretudo, pós-graduação, no corpo editorial de revistas, na publicação de livros autorais ou coletâneas e na organização de eventos.

ANOS 1980 Parte da intelectualidade negra acadêmica que passa a compor o corpo docente de algumas universidades constitui, com outras participações, Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, conhecidos como NEABs. Anos 2000. São formados coletivos de estudantes negros. À sua maneira, ambos refazem a imagem da negritude no âmbito das universidades: da ausência à presença solitária, da formação de grupos ao movimento negro acadêmico (Ratts, 2009).

ESQUECIMENTO E MEMÓRIA

Portadora de um discurso que reverbera para dentro do espaço acadêmico e dos movimentos negros, e embora atingindo determinado patamar de elaboração, proposição e visibilidade, Beatriz Nascimento, até o começo da presente década, raramente é referenciada no âmbito universitário como uma autora. Com algumas exceções, é perceptível o apagamento ou esquecimento das autorias negras, notoriamente nas ciências humanas.

Na primeira metade do século XX, no campo de estudo das religiões de matriz africanas ou afro-brasileiras, heemonicamente branco e masculino, o estudo de Vagner Gonçalves Silva (2000) demonstra como pesquisadores negros, a exemplo de Manoel Querino e Edison Carneiro, pouco são mencionados no rol de autores e etnógrafos, ao contrário de alguns contemporâneos, brancos ou assim considerados, como Nina Rodrigues e Artur Ramos. O autor ressalta que as condições de classe, raça e gênero se configuram no trabalho acadêmico com intrincada composição no referido campo. Há o caso da antropóloga Ruth Landes, mulher branca norte-americana, que teve problemas em campo e cujo trabalho foi alvo de restrições e preconceitos sexistas. Fica explícito que a “política de citações” é um dos mecanismos de “esquecimento” dos nomes negros e femininos em determinados períodos.

O problema não atinge somente personas e autorias brasileiras. A antropóloga e escritora afro-americana, Zora

Neale Hurston (1891-1960), estudiosa das culturas negras nos Estados Unidos e no Caribe, participante do movimento Harlem *Renaissance*. Ao contrário de Ruth Benedict e Margaret Mead, contemporâneas que tiveram Franz Boas, referência da antropologia cultural como o mesmo orientador, muito recentemente vem sendo traduzida para a língua portuguesa e pouco ou nada é lida ou citada na academia brasileira (Basques, 2019; Lourenço, 2023).

ANOS 1980 Poucas mulheres negras têm livros autorais. Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982) dividem Lugar de negro na editora Marco Zero de São Paulo. Na seção “sobre os autores” é destacada a produção bibliográfica de ambos. Neusa Santos Souza (1983) traz a lume *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, pela Graal no Rio de Janeiro, fruto da dissertação de mestrado. Sueli Carneiro e Thereza Santos dividem com Albertina Gordo de Oliveira o livro de duplo título *Mulher negra / Política governamental e a mulher*, com edição da Nobel e do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo. Helena Theodoro, José Jorge Siqueira e Beatriz Nascimento (1987) publicam *Negro e cultura no Brasil: pequena enciclopédia da cultura brasileira*, no Rio de Janeiro, com apoio da UNESCO e que fazia parte de um projeto mais amplo da organização.

ANOS 1970. ANOS 1990 Nas revisões bibliográficas, é uma raridade ver incluídos materiais produzidos por pessoas com formação acadêmica-militante atuantes no campo das relações raciais e culturas negras. Bloqueios foram atravessados. Até pelo menos o centenário da abolição, em veículos como Jornal do Brasil, Folha de São Paulo e outros de projeção nacional, além da imprensa alternativa antirracista, feminista e “homos-

sexual”, há artigos, resenhas e entrevistas que trazem as ideias, atividades e posicionamentos de Abdias Nascimento, Clóvis Moura, Eduardo de Oliveira e Oliveira, Lélia Gonzalez, Hamilton Cardoso, Muniz Sodré, Joel Rufino e Beatriz Nascimento. Depois disso, para tratar desses temas, entram em cena outros nomes, quase todos brancos e vinculados às mais antigas e maiores universidades da região sudeste.

Nas décadas mencionadas, no tocante às pesquisas acerca de quilombos, seja na antropologia ou na história, disciplinas nas quais se concentram especialistas no tema, ocorre processo semelhante, porém, de forma mais intrincada. Nenhum artigo de Beatriz Nascimento é mencionado por quem alçou renome nesse circuito⁵.

Uma leitura crítica no horizonte das humanidades torna perceptível como a produção acadêmica de autoria negra, incluindo a de Beatriz Nascimento, foi recusada ou refutada mais indireta que diretamente por “pares” acadêmicos até o final da década de 1990. No caso dela, esse “esquecimento” se processa em paralelo ao seu maior período de profícua produção escrita e comunicada oralmente.

Evidencia-se, aqui, um problema de grande profundidade: a dificuldade do reconhecimento da pessoa negra como produtora de pensamento por parte de setores hegemônicos da universidade brasileira, permeáveis, portanto, aos mecanismos da “invisibilidade” semelhantes em outros âmbitos sociais e do racismo acadêmico que tem meandros próprios com barreiras raciais e de gênero.

No tempo presente está em curso a (re)publicação de obras autorais da intelectualidade ativista dos anos

1970 e 1980, assim como a ampliação de um campo de estudos sobre o pensamento negro. Uma disputa de saberes e epistemologias está em curso. No caso das autorias é uma viagem sem volta. Não se pode mais dizer que não existem referências para tratar das questões raciais.

[03]

QUANTOS
CAMINHOS
PERCORRO

SERGIPE. Aracaju. Rio Sergipe. Em meio a mapas e censos e, especialmente, ditos e escritos de Beatriz Nascimento, é possível desenhar algumas imagens da parte da antiga província onde é construída a capital, uma área marcada por engenhos, canaviais, quilombos e população negra (escravizada e liberta), desde meados do século 19 ao começo da década de 1940. Algumas memórias encadeadas, advindas de fontes distintas, inclusive de material da época, compõem uma visão dos percursos e dos espaços pessoais e sociais da menina e da jovem migrante e estudante.

UM NAVIO ATRÁS DAS PALMEIRAS

Aracaju é uma cidade inicialmente planejada, criada em 1855, à margem direita do Rio Sergipe, entre Laranjeiras e São Cristóvão, cidades de implantação colonial. A *Carta corographica da Provincia Sergipe Del Rey*, elaborada pelo tenente coronel e engenheiro João Bloem, em 1844, assinala a existência de várias dezenas de engenho de açúcar, no entorno das vilas de Capella, Divina Pastora, Maruim, Santo Amaro, Socorro e Laranjeiras, no Vale do Rio Cotinguiba. Em parte significativa desse conjunto, documentos da época e estudos contemporâneos, apontam a formação de quilombos, em geral temporários, até às vésperas da abolição do sistema escravista, constituindo um vasto território negro (Arruti, 1996; Amaral, 2007). Esse é o tempo de Senhorinha e Madalena que vêm a ser, respecti-

vamente, avós materna e paterna de Beatriz Nascimento.

No dia 03 de dezembro de 1898, nasce Francisco Xavier do Nascimento e, em 1908, veio à luz Rubina Pereira. Casam e se tornam pai e mãe, na sequência, de Manuel, Moisés, Carmem, Rosa, Isabel, Ana e Beatriz, posteriormente de Rogaciano e Regina. A infância na capital sergipana é rememorada:

Nasci num dia de julho, um e dois unidos. Nasci a 12 de útero vasto com treze antecedentes. Nasci sob um signo torto, água e lama: caranguejo. Ah! Como nasci envolvida por tantos e tantos signos. Um dia me criei, já vai longe no tempo. Não se fixou na memória como tempo relevante. Foi um seguir entrecortado, entrechocado com o mundo irreconhecível da razão, como se vagas à toa. Outro dia me criei olhando o mar à distância entre coqueiros vaidosos que balançavam ao vento. Neste dia que me criei, atrás das palmeiras havia um

*navio. Eu sonhava romper o
muro de pedras e caminhar no
líquido verde até ele^s*

(NASCIMENTO, 1987, P.01).

ANOS 1940 O país vive uma um regime ditatorial, tendo à frente o presidente Getúlio Vargas, que proíbe, por exemplo, as atividades do partido da Frente Negra Brasileira (1931-1937). A cidade tem quase 60 mil habitantes (IBGE, 1940). É o período da segunda guerra mundial. À essa época, a família reside no bairro de Santo Antônio, situado numa colina e afastado do centro. A chamada Estrada Nova faz a ligação, sendo posteriormente denominada de Avenida João Ribeiro. Do alto da Ladeira Sargento Florêncio, avista-se o rio Sergipe e a Barra dos Coqueiros, no município de mesmo nome, compondo parte do estuário que se situa na margem atlântica.

As rememorações de Aracaju feitas por Beatriz se encontram na ensaística e na poesia. As expressões metafóricas da maritimidade pontuam um poema no qual menciona a mãe e as mulheres da família, e em outro dedicado ao pai. O primeiro é *Insegurança*:

*Nasci segura em rede esticada
/ Em praia de claras águas /
Em ventre bom e gostoso de
poderosa mulher. O segundo é
Paciência: Pensava em mim*

*/ No firmamento / Em vaga
estrela perplexo instrumento /
Espelho vivo / Em mar sereno.*

Na lembrança, a cidade, que apresenta um traçado quadriculado na primeira fase da construção, aparece como sinuosa. Em um trecho, Beatriz provavelmente se refere à orla vista da colina, onde fica a residência da família e da qual se avista a Barra dos Coqueiros situada do outro lado do rio:

*Como foi que me criei zanzando
entre coqueiros e de repente
andando em vias retas de uma
cidade estranha? Aprendendo
verde, amarelo, vermelho. Atenção
às coisas móveis e perigosas,
quando eu só tinha atenção para
o verde das palmas e do oceano?*

(NASCIMENTO, 1987, P.01).

O antigo quadro de cidades, engenhos, quilombos, rios e mar faz de Aracaju e Sergipe um ponto de ligação entre as Américas, a Europa, a África e outras partes do mundo colonizado, marcado pela diáspora africana, temário presente na poética de Beatriz Nascimento.

ANOS 1940 Ainda não há o Nordeste delimitado do Maranhão à Bahia e cantado em verso e prosa. Na divisão regional do país, segundo o recém-criado Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sergipe, Bahia e Espírito Santo formam o Leste Setentrional, e o Sul inclui São Paulo. No ideário popular nordestino a região é antiga.

1949 Francisco e Rubina migram com filhas e filhos para o Rio de Janeiro. Na memória de Isabel, a viagem se deu no final do ano, em um Ita, saído de Salvador. Como me disse em um de nossos encontros: “vieram de graça, para ser mão de obra barata”. Essa rota se insere no movimento da grande migração conhecida na geografia imaginativa popular como de nordestinos para o sudeste brasileiro ou de nortistas para o sul, como era dito à época.

A chegada ao Rio de Janeiro coincide com uma fase crescente do PROCESSO urbanização e de seleção de paisagens que são transformadas em lugares turísticos. Segundo o censo de 1950, o Rio é a cidade mais populosa do país, com cerca de 2.400.000 habitantes. Os movimentos, os riscos urbanos, os semáforos, a trama quadriculada das ruas, em contraste com Aracaju, sinalizam para Beatriz o impacto da mudança.

AS VIAS RETAS DA CIDADE

1950 O Rio dessa década é representado para dentro e para fora como glamoroso. Além das paisagens, acontece a difusão do rádio, a implantação da

televisão, a formação da bossa nova, com uma inegável base rítmica negra (Sodré, 1979). É o tempo de expansão da arquitetura moderna e da perpetuação do “quarto de doméstica”.

A família Nascimento se instala em Cordovil, subúrbio do Rio de Janeiro, região da Estrada de Ferro Leopoldina que, por sua vez, fora de antigos engenhos. No filme *Orí*, a voz de Beatriz, sobreposta a uma fotografia de parte da família, compõe uma cena de reminiscência, pautando a ideia de transmigração:

É, aqui nós estamos no ano de 1954, em Cordovil, e nós vínhamos de Sergipe com a intenção dos meus pais, que era de que nós crescêssemos, vir para a cidade grande, a grande dinâmica da imigração. Nós estamos aqui em Cordovil, mas o ambiente que nós vivemos até então é uma recuperação do passado, da vida que vivíamos em Sergipe. É canavial e todas as plantas e tudo o que a gente tinha contato lá. Então a

*defesa do homem é recuperar,
através do conhecimento da
terra, recuperar sua identidade
fecunda, o SEU próprio ego,
como homem transmigrado*
(NASCIMENTO, 1989).

Na infância e na adolescência, Beatriz se desloca entre casa, escola e outras partes dos bairros da zona norte compostos significativamente por famílias trabalhadoras. No ensaio *Acerca da consciência racial*, um relato literário, duas garotas – uma vinda da favela e outra do subúrbio – vivem um jogo de espelhos na escola pública, entre diferenciação e identificação, na cor, no corpo, na procedência geográfica, nas atitudes e na linguagem:

*Ela parecia-se fisicamente comigo,
tínhamos o mesmo corpo magro e
a mesma altura, embora ela fosse
mais velha dois anos. Voltava do
ginásio, onde cursava o 2º ano
ginasial, quando a encontrei.
[...] Quando eu ingressei na
escola, recém-chegada de Aracaju,
ela estava numa classe mais*

*adiantada, seu nome era Jurema
e tinha um irmão chamado Tião
que era da minha turma. Pela
primeira vez, embora estudasse
numa escola pública e num bairro
pobre, próximo à favela, tive
uma colega da minha cor. Mas
entre nós existia um como que um
abismo; enquanto eu, imigrante
nordestina, recém-chegada, era
introspectiva e amedrontada, ela
parecia nada temer e enfrentava
tudo e todos com sua linguagem
agressiva, carregada de palavrões
e gírias, que a denunciavam como
sendo “neguinha-do-morro”,
apelido que repousava na boca de
todos. Era da alcunha “neguinha-
do-morro”, tão usada na época nas
rodas infantis que eu me esmerava
em fugir. Mas embora não fosse
como Jurema, os castigos, os
desprezos, o pouco caso e o próprio*

apelido me atingiam; e quantas vezes! (NASCIMENTO, S/D, P.02).

O jogo racial de imagens partia também das professoras que constantemente as confundiam. A narradora expõe que as mesmas “sem exceção, eram brancas, antissépticas, castas, indiferentes e bonitas. Quase todas vinham de outro mundo, fora do subúrbio, fora da favela”. Numa contenda cujo motivo logo se esvai durante a cena, a semelhança se estabelece entre as duas: são chamadas de “neguinha do morro”. Ao final do texto, suas trajetórias continuam diferenciadas e desiguais.

Para se ter uma ideia das relações de trabalho no Rio de Janeiro à época, um exemplar do Jornal do Brasil, datado de 29 de julho de 1952, traz na primeira página a seção “empregos diversos” com muitos anúncios de oferta e procura de serviços de meninos, rapazes, moças e “mocinhas”, tanto nos bairros e subúrbios, quanto no centro da cidade. Em alguns são apresentadas várias exigências para o trabalho – etárias, de gênero, raciais – e as tentativas de atender a essas expectativas:

Moça educada, sabendo ler e escrever, de cor polida, entendendo um pouco de costura, deseja trabalhar em casa de pessoa só ou com casal, sem filhos, é favor telefonar para 45-2166, chamar M. A.

Oferece-se moça nortista, jovem trabalhadeira, honesta, de respeito, instrução primária, boa saúde, para casa comercial, consultório dentário médico ou café em pé. Informações tel. 52-1691. Recado para M. L.

Precisa-se um senhor aposentado para hotel, com boa apresentação, com prática, na parte da noite. Ordenado 1.200 cruzeiros. Tratar à travessa Belas Artes 5.

Precisa-se de um menino de 10 a 14 anos de idade, mas que saiba ler e escrever. Tratar à rua Amaetinga 173. Bairro de Cordovil. Ordenado mensal de 400 cruzeiros, com direito a casa e refeição, com sr. M. A. G.

Cor, apresentação, alfabetização e saúde são termos indicativos de uma seleção racial, sem evidenciar que pessoas negras são preteridas para o trabalho, algo que, mais à frente, aparece em ensaios de Beatriz. Por vezes, na procura de determinados empregos, no anúncio é explicitado a exigência de conhecer o centro da cidade, quer a pessoa resida em morros, favelas ou subúrbios.

No mesmo ano, alguns meses antes, uma matéria da revista Manchete relativa à cidade e às zonas norte e sul, destaca em dois dos subtítulos as distinções sociais: “Dois mundos opostos do Rio”, “Dois estilos de vida”. A Zona Sul, ainda que, em parte, seja retratada com ironia, recebe elogios. A Zona Norte recebe mais termos pejorativos e poucos positivos:

A zona sul que começa propriamente no Flamengo, é a civilização do apartamento, das praias maliciosas, do traje e dos hábitos esportivos, da “boite” e dos pecados à meia-luz [...].

A zona norte é Brasil 1000%.

A gente mora largamente em casa (muitas vezes com quintal) e a casa impõe um sistema diferente de vida, patriarcal, conservador. Vizinhança tagarela e prestativa. Garotos brincando na calçada. Reuniões cordiais na sala de visitas [...]. Menos água, mais calor. Diversão pouca, nada de “boites” e “night clubs” (Gomes, 1953, p. 07).

Para se ter mais um exemplo, a canção *Subúrbio*, da autoria de Luiz Antônio, gravada em 1955 por Elizeth Cardoso, ela mesma nascida na zona norte, traz nos versos iniciais: “Subúrbio, recanto triste da cidade / Sem asfalto, sem vaidade”. No entanto, essas áreas suburbanas, em especial as situadas na Leopoldina, habitadas por gente trabalhadora, migrante e negra, são locais de criações culturais: a antiga Festa da Penha, grupos carnavalescos, times de futebol, cinemas, bares e outros pontos de encontros musicais. Além disso, ali residem artistas que alçam projeção nacional e até internacional: o músico Pixinguinha, morador de Olaria com a família de nascimento e, depois, com a esposa Jandira Aimoré, cantora e vedete. Jackson do Pandeiro foi morador do mesmo bairro e de Brás de Pina.

1968 Beatriz do Nascimento entra para o curso de história no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ), sediado no Largo São Francisco, centro da cidade. Provavelmente, utilizou bastante os trens com parada na Central do Brasil, antiga Estação Pedro II, na Avenida Pre-

sidente Vargas que, por sua vez, havia sido construída alguns anos antes da chegada da família ao Rio.

1972 No mês de janeiro, Beatriz conclui os cursos de licenciatura e bacharelado em história. No *curriculum vitae* consta que ela trabalhou no ano anterior como “técnica em pesquisa” no Arquivo Nacional, situado bem próximo da Central, após atravessar a Avenida Presidente Vargas⁷. A mudança de rotas, espaços e pessoas é rememorada:

Não sem sacrifícios, como é lugar-comum nas famílias negras e pobres, cheguei à universidade; nessa ocasião diminuiu muito o meu contato com o negro. O convívio era, na maior parte dos casos, com pessoas brancas, fato que aumentou quando eu me mudei para a Zona Sul da cidade, o que foi para mim uma verdadeira migração, com a correspondente necessidade de adaptação a um novo mundo, que não era aquele do subúrbio a que eu estava acostumada. Na verdade, a minha mudança nesse caso foi

muito mais efetiva em relação a observações e comportamento do que quando vim de Aracaju para o Rio
(NASCIMENTO, 1982, P.194)

A segregação racial e espacial na cidade do Rio de Janeiro, vivida primeiramente a partir da experiência suburbana, assume outro desenho visto através das lentes da história negra no país.

Brás de Pina, onde moramos primeiro, parecia Aracaju, tinha muitas famílias negras, de estivadores e operários, com quem nós tínhamos contato permanente. Quando eu passei para a Zona Sul, isso há uns dez, onze anos, época em que minha filha nasceu, passei a perceber um outro Brasil. O fato de eu estudar história me despertou a necessidade de ver o negro com o seu destaque e importância na formação brasileira (NASCIMENTO, 1982, P.194).

1968 Um ano conhecido por eventos e movimentos ocorridos em diversas partes do mundo ocidental e ocidentalizado: 28 de março, no Rio de Janeiro, morte do estudante secundarista Edson Luís em ação policial no restaurante universitário Calabouço; 4 de abril, em Memphis, assassinato do pastor e ativista Martin Luther King; 2 de maio, início do movimento dos estudantes franceses pela transformação do sistema educacional; 26 de junho, também no Rio de Janeiro, passeata dos 100 mil contra a ditadura militar; 16 de outubro, na Cidade do México, protesto contra o racismo por parte dos atletas afro-americanos Tommie Smith e John Carlos. Por fim, em 13 de dezembro, a decretação do Ato Institucional N°. 5 (AI-5), que marca a fase de maior repressão do regime ditatorial no Brasil.

Em ensaio escrito, provavelmente, em 1988, Beatriz Nascimento relembra alguns eventos relativos à morte do estudante seguida de protestos, e retoma os vários significados atribuídos àquele ano. Ao retornar para casa, demarca o que a separa de um pequeno grupo de colegas com quem estava nas manifestações:

Ao anoitecer, após a notícia da revolta, dirigi-me sozinha para casa. Fitava as pessoas nos ônibus: operários, secundaristas, bêbados, loucos, pensando: “falta pouco tempo para não estarmos miseravelmente aqui”. Gostaria

de dirigir-me a eles com um sinal de esperança resumido na palavra “mudou”.

Mas tinha dúvidas dessa mudança. Já me sentia só sem acreditar em aliados. Receava que impedissem de concretizarmos os nossos projetos, pois, ao pensar naqueles três amigos e em mim, alguma coisa chamava-me a atenção, mesmo entre nós, mesmo recusando como comportamento, existia a barreira da classe social (NASCIMENTO, C. 1988, P.07-08).

Como ela reflete, havia limite para seus amigos contrariarem os pais conservadores. Por sua vez, o ideário deles aponta para Paris e o dela para o Brasil e os Estados Unidos. Em mais de um ensaio, ao mensurar distâncias sociais e raciais, e rever cenas da experiência acadêmica, emerge a imagem de solidão relatada por inúmeras pessoas negras que transitam nos espaços brancos:

Como um filme que voltasse no tempo, revivi meus anos

de universidade, as decepções, a presteza das propostas “esclarecedoras” do grupo de colegas. Talvez pela primeira vez vivenciasse a “aceitação”: uma só entre muitos, “querida de todos pela estranheza”. Ninguém perguntava, ninguém queria saber. Já sabiam tudo sobre a origem de classe. Eu era uma negra brasileira, pobre. Todos sabiam o que eu deveria fazer, o que eu deveria querer (NASCIMENTO, 1974C, P.08).

Beatriz finaliza os cursos com quase trinta anos de idade, residindo com a família na Zona Norte e circulando, em um roteiro imaginário, ao longo de quase quinze quilômetros pelo centro da cidade e por áreas que vêm a compor a chamada Zona Sul. Em *Meu negro interno*, rememora os percursos pelas linhas da trama urbana constituída por raça, gênero e espaço:

Nessas alturas caminhava pelas ruas de Copacabana e começava a abrir um pouco de

minha boa-vontade e concordar com eles. Ao meu redor, babás, porteiros, serviçais domésticos, carregadores de caminhão, homens em um carro de coleta de lixo, engraxates, pivetes, bailam na faina do grande bairro. que espetáculo! Todos eles eram negros (ou quase todos), felizes, pois mesmo trabalhando o negro parece dançar, lépido, sorridente, principalmente aquela babá ali, de uniforme branco, com um menino quase da cor do seu uniforme – mãe preta em versão 1974 (NASCIMENTO, 1974C, P.05).

O cenário de 1950 parece se repetir duas décadas depois. O aprofundamento nos estudos e nas pesquisas, o trânsito por espaços sociais a vida no Rio Sul e outros deslocamentos dentro e fora do país implicam na ampliação do repertório temático que marcam sua escrita posterior.





[04]

ESTE PROJETO
É TAMBÉM UM
GRANDE SONHO

BEATRIZ Nascimento toma outros rumos a partir da entrada na universidade e do trânsito em outros espaços institucionais vedados a pessoas negras por meio de barreiras territoriais, sociais e de constituição dos circuitos educacionais, intelectuais e culturais. Após a graduação em história na UFRJ, entra em uma intensa atividade acadêmica e militante nos anos mais pesados do regime militar, por meio de falas e escritas públicas e da formação de territórios discursivos que têm como pauta as questões negras, africanas, raciais e de gênero.

INÍCIO DOS ANOS 1970. De sul a norte do país, um sujeito coletivo se configura em grupos que conquistam espaços públicos de expressão, cujo discurso aponta para a existência do racismo – individual e institucional – na sociedade, os usos e abusos da ideia de raça e afirma a longa e diversa constituição do “ser negro”. A partir de mobilizações anteriores, em correlação e diferenciação com outros segmentos – feministas, camponeses, sindicalistas, “homossexuais” – o movimento negro contemporâneo se reorganiza.

No horizonte artístico-cultural, surge outra movimentação negra: os bailes de música soul, termo que comporta muitos estilos, principalmente *funk* e *rhythm & blue*. Os encontros acontecem em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Havia um trânsito de pessoas e entre os dois movimentos – negro e soul.

Parte significativa da juventude que compõe o movimento negro é proveniente dessa cartografia social e cultural também vivenciada por Beatriz Nascimento. A evocação de trajetórias individuais e coletivas permite apreender a complexa trama entre racialidade e negritude, também entre cidade, sociedade e universidade

como um território alterado por essa presença racial, cultural e espacialmente distinta do horizonte branco, de classe média ou alta.

A dinâmica da cena negra no Rio de Janeiro, entre personas, coletivos e eventos, pode ser vista praticamente ano a ano.

TERRITÓRIOS DO DISCURSO

1973 Ano da formação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos na Universidade Cândido Mendes, com o sociólogo José Maria Nunes Pereira, envolvido com mobilização pela independência de Angola, sendo o vice-diretor. Os objetivos do centro, dirigidos para a divulgação da história e das culturas africanas, desdobravam-se em alguns propósitos: desenvolver a produção de conhecimento sobre o Terceiro Mundo, ressaltando o Brasil e “promover a descolonização do estudo das Ciências Humanas em nosso País, ainda submetido a uma abordagem europocêntrica” (Pereira, 1981, p. 01).

1974 Ano inicial da chamada “distensão” do regime militar. Alguns coletivos negros políticos e culturais se formam na primeira metade da década, como o Grupo Palmares, em 1971, na cidade de Porto Alegre (Silveira, 2003), o Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN) em São Paulo, no mesmo ano (Silva, 2012), o bloco afro Ilê Aiyê, em 1974, na cidade de Salvador (Silva, J. 1995). Nas esteiras deles, são criados outros grupos no país, sobretudo em capitais.

Esses coletivos, em conjunto e não sem diferenciações, passam a se atribuir e receber a denominação de “movimento negro”, questionam a ideia de “democracia racial”, quebram o silêncio acerca do racismo que mostram estar presente em muitos segmentos da sociedade brasileira. Retomam e refazem a memória do quilombo de Palmares e de Zumbi, o último líder. Abordam os problemas raciais em várias partes do mundo ocidentalizado. Aproximam-se e se alinham com a perspectiva da descolonização africana.

Mais uma vez, 1974. O CEAA realiza eventos que o coloca na mira de estudantes com interesse relativos à África e à “história do negro”: 21 de março – dia internacional pela eliminação da discriminação racial; em abril – seminários sobre o racismo história da África; de 30 de maio a 23 de junho – Semanas Afro-Brasileiras, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, junto com a Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB), tendo à frente o sacerdote, escritor e artista plástico Mestre Didi, junto com a antropóloga Juana Elbein dos Santos (Pereira, 1981, p. 05).

Nesse ano, o mencionado coletivo negro, de maioria jovem, aglutina-se nas tardes de sábado no CEAA, situado em Ipanema. Nos registros e relatos, vemos com maior detalhe que, à época, no Rio de Janeiro, existem muitas pessoas negras empenhadas em constituir núcleos de estudos da questão étnico-racial, e, mesmo diante de algumas dificuldades de organização e divergências, formam diversos grupos distintos, a exemplo da SINBA (Sociedade Internacional Brasil África), do IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras) e o Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR).

Lélia Gonzalez, participante dessas reuniões, traz uma lembrança da articulação e do crescimento do grupo, da articulação das mulheres, e amplia o relato para a imbricação entre os movimentos “negro” e “soul”: “Aos sábados, reunião geral para discutir os textos, na base da dinâmica de grupo. No domingo, tava todo mundo na Noite do Shaft no Renascença. A cada reunião o grupo crescia” (1982, p. 34).

Na memória do GTAR, uma lembrança é marcante: “a tentativa de realizar este trabalho foi iniciada em 1973, no Centro de Estudos Afro-Asiáticos, no Rio de Janeiro, pela historiadora Maria Beatriz Nascimento e alguns jovens negros interessados em formar um grupo de estudos” (GTAR, 1983, p. 64). No relato de José Maria Nunes Pereira, há menção semelhante: “vendo aqueles alunos, eu disse: ‘vem cá, vamos nos reunir aqui aos sábados. Tem aqui os textos de Beatriz e nós podíamos discutir...’” (Nunes Pereira entrevistado por Alberti, Pereira, 2007, p. 141). Com alguns limites, é possível imaginar o impacto dos dois ensaios – *Por uma história do homem negro e Negro e racismo – naquele conjunto de pessoas*.

1975 Em maio, na Universidade Federal Fluminense, um grupo de estudantes negras e negros organiza uma Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira, no Instituto de Ciências Humanas de Filosofia (ICHF), dirigido então por Maria Maia Berriel, antropóloga, que percebe no curso de Ciências Sociais uma maior entrada estudantil negra: “A escolha do negro, como tema de minhas pesquisas, se fortaleceu na constatação das restrições impostas aos meus alunos negros do curso de ciências sociais (com a expansão do capi-

talismo, eles se foram tornando mais numerosos)” (Berriel, 1988, p. 10). Maria Berriel se torna uma das principais apoiadoras do grupo.

Na formação do GTAR, estavam Marlene de Oliveira Cunha, acadêmica de ciências sociais, e Rosa Nascimento, estudante de Geografia, respectivamente amiga e irmã de Beatriz; Sebastião Soares, do curso de história, Andreino Campos e Alcebíades Abel Filho, da geografia, Alcides Geraldo da Conceição, da engenharia química, e mais estudantes. Beatriz e Marlene se conheciam de encontros anteriores. A primeira colaborara como entrevistadora na pesquisa de Maria Berriel, com quem a segunda estudava⁸.

O grupo mantém contato com expoentes da intelectualidade negra e branca, brasileira e norte-americana que são especialistas nas questões raciais e negras, a exemplo de Eduardo de Oliveira e Oliveira, da Universidade de São Paulo; Carlos Hasenbalg da área de sociologia; Décio Freitas, Vicente Sales e Roy Glasgow, todos historiadores; Manoel Nunes Pereira, Juana Elbein, Ivone Maggie e Leni Silverstein do campo da antropologia; e J. Michael Turner do Centro de Estudos Africanos da Universidade de Howard (GTAR, 1976; 1978).

ANO DE 1976 Entre o final de maio e o começo de junho, o Grupo de Trabalho André Rebouças realiza a II “Semana de Estudos” no ICHF/UFF. As conferências proferidas trazem temas candentes: Beatriz Nascimento problematiza o esquematismo na abordagem da cultura negra; Eduardo de Oliveira e Oliveira justapõe os movimentos negros no Brasil e nos Estados Unidos do início do século 20; Carlos Hasenbalg trata de processos históricos refe-

rentes à população negra no pós-abolição; José Bonifácio Rodrigues se volta para irmandades negras e Manoel Nunes Pereira apresenta a Casa das Minas em São Luís do Maranhão (GTAR, 1976).

1977 Na Quinzena do Negro na USP, realizada entre o final de maio e o começo de junho, organizada pelo sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira, Beatriz Nascimento é uma das conferencistas, tratando da historiografia dos quilombos, em processo de reconhecimento público do trabalho acadêmico-militante⁹. No mesmo evento, acontece uma mesa redonda com universitários afro-brasileiros, composta, dentre outros, por Milton Barbosa, Rafael Pinto e Hamilton Cardoso, estudantes, respectivamente, de economia, ciências sociais e jornalismo. No cenário dessas universidades do eixo Rio-São Paulo, era a primeira vez em que aconteciam mesas compostas ou protagonizadas por pessoas negras.

Em julho do mesmo ano, durante a 29ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-São Paulo), Eduardo de Oliveira e Oliveira junto com Clóvis Moura coordenou o Simpósio Brasil Negro com participação do sociólogo Carlos Hasenbalg, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Juana Elbein dos Santos da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB), e Beatriz Nascimento, então pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Como se pode perceber, em meio ao principal evento acadêmico do país, a mesa foi constituída com representações da intelectualidade negra e branca que estudavam relações raciais e questões negras.

A linearidade temporal da narrativa que compoñho aqui não corresponde ao entrecruzamento de processos, tempos e espaços, quer sejam vistos a partir da trajetória de uma persona ou de uma coletividade. O que ressalto é o significado da entrada em cena de corporeidades, vozes e concepções negras: a demarcação de um projeto negro.

UM PROJETO NEGRO

Essa aglutinação, em grande parte jovem e oriunda das classes populares, constitui o que denomino de “movimento negro acadêmico” (Ratts, 2009; 2011), caracterizado por um conjunto de diferenciadas formas de ocupação dos espaços universitários em correlação experiência do racismo, do sexismo, do classismo e da segregação espacial e, também, da arte e cultura negras.

Desde os primeiros tempos, o Grupo de Trabalho André Rebouças se apresenta com a proposta de buscar espaço de organização na universidade e de ampliação da inserção da temática racial na área de humanidades, particularmente na antropologia:

- Introduzir gradualmente na universidade créditos específicos sobre as relações raciais no Brasil, principalmente nos cursos que abranjam a área das Ciências Humanas;
- Tentar uma reformulação no programa de Antropologia do Negro Brasileiro, no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da UFF;

- Atualizar a bibliografia no que diz respeito ao assunto, adotado pelo corpo docente e discente;
- Estabelecer contato entre professores que desenvolvem teses sobre as relações raciais fora da UFF com o corpo docente do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (GTAR, 1976; 1983).

Por vários anos, o grupo realiza as “Semanas de Estudos”, que contavam com a publicação de um caderno com as comunicações de cada palestrante. O GTAR agregou estudantes de diversas áreas que seguem na universidade com o projeto político-acadêmico de levar as questões negras e raciais para as áreas de formação, sem negar a subjetividade, a exemplo Eduardo de Oliveira e Oliveira, na sociologia, e Beatriz Nascimento, na história. Nesse caminho, Marlene de Oliveira Cunha (1986; 2022) faz mestrado em antropologia na USP, estudando corporeidade e gestual no candomblé angola em terreiros de São Gonçalo, com os quais tinha relações familiares, e Andreilino de Oliveira Campos (2005) cursa mestrado em geografia na UFRJ, estudando a correlação entre raça e espaço urbano.

Ainda em informe quanto ao próprio grupo, é possível observar o crescente reconhecimento do trabalho que vem efetuando, levando, no entendimento de integrantes, a uma necessidade de institucionalização. Em 1978, organizam-se juridicamente, aprovam a realização da 4ª. Semana de Estudos, no Ministério da Educação e Cultura, e dão continuidade ao projeto, procurando aglutinar “intelectuais, ex-alunos e alunos NEGROS universitários” (GTAR, 1983).

Em São Paulo, esse projeto intelectual e político também se configura. A partir das próprias palavras de Eduardo de Oliveira e Oliveira sobre a Quinzena do Negro, é possível aprender o potencial da proposta de formação e consolidação de um terreno acadêmico pautado e protagonizado por pessoas negras que vivenciam e estudam a racialidade:

Esta Quinzena do Negro, às vésperas dos 90 anos da abolição da escravatura no Brasil (1888-1978), além de revelar alguns brasileiros que têm contribuído para a história pátria [...] – e que têm permanecido à margem desta história, porque seus cronistas, aqueles que com ela se identificam, não tiveram até agora os meios exigidos para que se tornem arautos dessas verdades, caracteriza-se por um aspecto que nos parece da maior relevância – revelar o negro como criador e criatura. Numa palavra: Sujeito (OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2001, p. 87).

Nos debates do evento, editados no filme *Orí* (Gerber, 1989), Eduardo de Oliveira e Oliveira enuncia o projeto e toma Beatriz Nascimento como exemplo de formação e de posicionamento diferenciado na academia:

Nós temos direito a essa instituição. sobretudo essa aqui [a USP] que é pública. e o fato de fazer [a Quinzena do NEGRO] dentro dessa universidade é porque a universidade assume a sua possibilidade de universidade para formar mais negros, para que se formem como Beatriz, que passou por aqui, para

ir ao quilombo, à favela ou seja lá o que for, e dar os seus ensinamentos.

Agora, sem uma universidade, sem um crédito, seria até impossível conseguir esta semana aqui, porque eu seria apenas um negro¹⁰.

AINDA 1977 Ano em que Beatriz divulga bastante suas ideias: em junho, além da conferência na semana do GTAR, publica o ensaio *A mulher negra no mercado de trabalho* no jornal alternativo *Última Hora*; em agosto, concede entrevista à revista *Manchete*, intitulada *O negro visto por ele mesmo* e, em outubro, faz uma resenha, *A senzala vista da casa grande*, relativa ao filme *Xica da Silva* de Cacá Diegues, protagonizado por Zezé Motta (Nascimento, 1976 a,b,c). O ensaio e a resenha constituem os dois primeiros trabalhos de Beatriz Nascimento concernentes à mulher negra. Na entrevista, ela indica o interesse sobre quilombos se tornar seu principal tema de estudos e pesquisas.

Os dilemas do projeto coletivo que, nos anos 1970, desafia os limites raciais e de gênero no espaço acadêmico aparecem no ensaio *Etnia e compromisso intelectual* de Eduardo Oliveira e Oliveira (1977), comunicação na qual o sociólogo parte da sobreposição entre raça e classe e indaga sobre possibilidade de justapor negritude e intelectualidade na sociedade brasileira:

As situações de classe influirão numa consciência de classe quando esta não estiver adstrita a uma dupla identidade – raça/classe, tão inerente ao negro que a priori o desconfigura de outras atribuições? Se é assim, como se equaciona negro e

*intelectual – se é QUE se equacionam?
É o negro, e particularmente o negro brasileiro
identificável com tal categoria, ou tem de reivindicar
uma tal atribuição?
O que, e quem é, lato sensu, intelectual e,
particularmente quem o é na sociedade brasileira?
(Oliveira e Oliveira, 1977, p. 22).*

A cada tempo, a pergunta reverbera. Em seguida, Eduardo pontua um dos problemas que a intelectualidade negra recoloca no tempo presente:

*São estas as considerações que nos levam a ideia
de uma sociologia negra, (ou uma historiografia,
economia, antropologia negras, etc.). Ela surge
como uma reação e revolta contra o viés da
“sociologia principal” burgueso-liberal [sic]. Como
um passo positivo para o estabelecimento de
definições básicas, conceitos e construções
teóricas que utilizam a experiência dos afro-
brasileiros (Oliveira e Oliveira, 1977, p. 23).*

Na Conferência Historiografia do Quilombo, Beatriz demarca ainda a perspectiva de historiadora negra diante de visões predominantes na academia:

*Quando cheguei na universidade
a coisa que mais me chocava era
o eterno estudo sobre o escravo.
como se nós só tivéssemos existido*

*dentro da nação como mão de obra
escrava, como mão de obra pra
fazenda e pra mineração.*

[...]

*A questão econômica não é o
grande drama, percebe? Apesar
de ser um grande drama, não é o
grande drama. O grande drama
é justamente é o reconhecimento
da pessoa, do homem negro que
nunca foi reconhecido no Brasil
(NASCIMENTO, 1989).*

Parece uma operação simples dar prioridade ao “negro” e não ao “escravo”, mas aqui se aponta para uma coletividade e para indivíduos que, apesar dos vários processos de expropriação do espaço, do tempo, das relações e do corpo, tecem o fio da liberdade e nele se sustentam até onde for possível.

1978 Beatriz inicia a pesquisa *Sistemas sociais alternativos organizados pelos negros – dos quilombos às favelas*. Consegue financiamento parcial por meio de bolsa da Fundação Ford e da Casa do Brasil, da Fundação Léopold Sédar Senghor, e da Fundação

Ford, sendo que a primeira foi mediada pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos¹¹. No ano seguinte, dá início ao curso de especialização (pós-graduação lato sensu) em história do Brasil e ao mestrado em história na UFF. Ela se volta para os quilombos, tema-discurso para a militância acadêmica, e colabora para que se constituam em uma temática constante e um dos terrenos mais propícios no que concerne à história negra no país, tendo em vista o relativo apagamento em obras historiográficas e didáticas, e a versão estereotipada de “esconderijo de negros fugidos” destituído de caráter político (Nascimento, 1981, p. 03).

Beatriz se desloca na passagem entre leitora e estudiosa para pesquisadora e intelectual. O esforço de, pelo menos, vinte anos de estudo e escrita, soma-se a um período igual de trabalho como ensaísta, palestrante, debatedora, professora, poeta, dedicada a um repertório temático relativamente delimitado. Beatriz Nascimento se relaciona, ao seu modo, com as exigências acadêmicas.

Voltando ao cenário coletivo, é a percepção dos limites raciais e sociais no ambiente acadêmico contraposta à situação da população negra que faz emergir projetos bastante radicais. Parte significativa dessa coletividade passa por universidades do sudeste. Digo “passa” porque praticamente não há oportunidade de que façam carreira nessas instituições. Beatriz e Eduardo, respectivamente estudando na UFF e na USP, não concluem os cursos de pós-graduação.

Em cerca de duas décadas – 1960 e 1970 – Beatriz Nascimento faz um percurso entre circuitos familiares, residenciais e educacionais. Sem demarcar maiores clivagens, é a passagem de estudante-militante para intelectual-ativista

em uma trama que, não sem contradições e percalços, combina e diferencia individualidade e coletividade. É um duplo processo: a formação de um corpo coletivo denominado movimento negro e a constituição da figura pública que reelabora histórias e memórias negras e, em um período mais amplo – entre os anos 1970 e 1990 –, abre um repertório temático – raça, racismo, negritude; mulher negra e quilombos; corporeidade, imagem e território; – entre falas e escritas acadêmicas, militantes e poéticas.

Os tempos são áridos. No bojo dessa movimentação, assim como outras pessoas e grupos no espaço acadêmico, o espaço acadêmico fica sob vigilância de agentes militares. Em muitas universidades brasileiras, é instalada uma divisão de segurança e informação do Ministério da Educação (MEC/DSI) e o GTAR é observado nesse contexto (Silva, 2018). O mesmo ocorre com outras organizações e pessoas como Lélia Gonzalez, Eduardo de Oliveira e Oliveira, Abdias Nascimento e Beatriz Nascimento. As diligências são feitas por órgãos distintos: Departamento de Ordem Política e Social do Rio de Janeiro (DOPS), Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS/SP) e Serviço Nacional de Informação (SNI) dentre outros (Barreto, 2005; Kösling, 2007; Silva, 2018).

Ao mesmo tempo, construindo e trilhando um espaço construído e trilhado e por quem lhe antecedeu e com quem compartilha o tempo presente, Beatriz envereda pela tarefa de construir um discurso próprio, deslocando em sua trajetória o lugar social da mulher negra no Brasil. Um projeto que não é individual, e nem mesmo previsível em seus desdobramentos.

[05]

ESSE
ENFRAFRANHADO
DE SUTILIDADES

NOS textos e nas entrevistas de Beatriz Nascimento, publicizados em meados da década de 1970, estão delineados vários aspectos de seu pensamento a respeito do racismo, especialmente sobre as formas praticadas na sociedade brasileira contra a gente negra, incluindo o espaço acadêmico, marcado por uma ciência moderna e colonialista. O que ela denomina de “um emaranhado de sutilezas” (Nascimento, 1977b) é uma trama de fios finos, complexos e arditos.

Quer dizer, tratado como velado ou mesmo inexistente, o racismo à brasileira aparece como uma intrincada rede de ideias, processos e ações, variando para determinados contextos. É um fenômeno multifacetado que merece variadas análises e possibilidades de reação.

No cenário em foco, de um lado, há o silêncio sobre o racismo, e, de outro, a defesa do mito da democracia racial. Uma parcela jovem do movimento negro, articulada com parte da intelectualidade ativista que lhe antecede, faz toda uma saga para destrinchar os mecanismos racialistas e apontar vários aspectos da negritude com as armas que acionaram e criaram: a voz, a escrita, as ideias e o corpo. Beatriz é expoente dessa movimentação.

A HISTÓRIA DO PONTO DE VISTA NEGRO

Na Revista de Cultura Vozes, vinculada à esquerda católica, Beatriz Nascimento publica dois artigos no

mesmo ano: *Por uma história do homem negro* (1974a), no número de janeiro/fevereiro, e *Negro e racismo* (1974b) em setembro. No primeiro, a partir de muitas perguntas, uma verdadeira sabatina acadêmica lança questionamentos à ciência moderna, particularmente à história, à fragmentação do conhecimento em áreas disciplinares, à ideia de democracia racial brasileira, assim como elenca alguns mecanismos e situações da violência racial.

No segundo artigo, Beatriz continua a criticar a ciência, a importação de conceitos europeus e norte-americanos, e envereda para o tratamento da questão negra vista a partir da formação nacional. Nesse texto, ela detalha os mecanismos de preconceito racial, inclusive entre os circuitos intelectuais e artísticos. Por fim, retoma a referida proposta de escrever uma “história do negro” ou “história negra” a partir de um ponto de vista ou de uma perspectiva negra.

Após questionar a ciência herdada dos séculos 17 e 18, marcada pelo cientificismo e tecnicismo em detrimento do chamado “homem”, Beatriz Nascimento inquirir a história e as suas especializações:

“Como abordar, por exemplo, a História do Negro no Brasil? Somente de um enfoque etnográfico, religioso, socioeconômico, ou seja, fragmentariamente, como de

um modo geral vem sendo feita brilhantemente? E a tal História do Homem Negro?” (NASCIMENTO, 1974A, P.41-42).

Naquele período, prossegue a divisão da ciência em áreas disciplinares. Algumas pós-graduações estão sendo criadas no país, como é o caso de cursos de história e antropologia. Beatriz segue e critica a redução da questão racial à questão da classe. Introduz aspectos da individualidade e da subjetividade:

“Não será possível que tenhamos características próprias, não só em termos “culturais”, sociais, mas em termos humanos? Individuais? Creio que sim. Eu sou preta, penso e sinto assim” (NASCIMENTO, 1974A, P.42).

Beatriz Nascimento amplia o leque de questionamentos e de proposições, estabelece uma crítica à divisão das disciplinas e propõe trazer para o fazer científico a subjetividade, quando, no contexto da época, prima-se pela objetividade:

“Devemos fazer a nossa História, buscando nós mesmos, jogando

nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os enganando” (NASCIMENTO, 1974A, P.44)

De forma alguma, Beatriz interpõe a ideia de que somente pessoas negras pesquisem “o negro” ou que se faça uma história exclusivamente negra. O que ela polemiza são os referenciais e os propósitos da ciência, sobretudo da intelectualidade branca hegemônica, que tem “o negro” como objeto de estudo. Defende que a “História do Homem negro” fosse também escrita por quem é “de dentro”,

Em meados dos anos 1970, Beatriz coloca em questão a relação *observador-observado*, quando nos cursos brasileiros de ciências sociais ou antropologia pouco se imagina que alguém integrante de uma coletividade estudada se manifestasse com voz própria. Ela problematiza o que, em antropologia e em outras áreas se denomina de “sujeito posicionado”, diferenciando-se do comum e dominante pesquisador branco que se detém às relações raciais e às culturas negras, particularmente na situação “clássica” de um observador externo, muitas vezes estrangeiro, quanto à sociedade que estuda.

Apontando uma série de lacunas e problemas no fazer científico, especialmente os historiográficos, no tocante aos temas negros e raciais, Beatriz remete-se a um fato que a deixa indignada:

Uma das piores agressões que sofri neste nível foi por parte de um intelectual branco. Disse-me ele que era mais preto do que eu por ter escrito um trabalho sobre religião afro-brasileira, enquanto que eu não usava cabelo afro nem frequentava candomblé”
(NASCIMENTO, 1974, P.43).

Tal comentário a leva a indagar: “o que é que eu sou?”. A resposta se converte em afirmação:

Pensa ele [o intelectual branco] que basta entender ou participar de algumas manifestações culturais para se ser preto: outros pensam que quem nos estuda no escravismo nos entendeu historicamente”
(NASCIMENTO 1974A, P.44).

Em *Negro e racismo*, Beatriz Nascimento (1974b) prossegue no argumento contra a suposta solidariedade de alguns estudiosos e coloca em suspense a repetida e insuficiente interpretação econômica (mais precisamente,

economicista) da situação de desigualdade em que vive a população negra. Além disso, mais uma vez, a voz negra emite um discurso que merece atenção redobrada, pois traz à crítica a ideia de uma sociedade racialmente harmônica para o plano da intelectualidade e da literatura:

A democracia racial brasileira talvez exista, mas em relação ao negro inexistente. As manifestações preconceituosas são tão fortes que, por parte de nossa intelectualidade, dos nossos literatos, dos nossos poetas, da consciência nacional, vamos dizer, somos tratados como se vivêssemos ainda sob o escravismo (NASCIMENTO, 1974, P.42.).

Ainda em *Por uma história do homem negro*, Beatriz traz como tema principal a flagrante despreocupação da academia brasileira com as questões vinculadas à história da população negra, no máximo, limitados aos estudos da escravidão e da cultura. Ela parte de motivação e argumentação originadas fora dos muros universitários.

Atenta à diferenciação das situações racistas e à dubiedade de interpretações, Beatriz se mostra como pensadora de um processo duradouro e múltiplo. Ela apresenta alguns exemplos de violência racial no país em

MECANISMOS DO RACISMO

Em tempos de negação do racismo e de propagação de uma suposta democracia racial, e a exemplo de mais pessoas do ativismo negro, Beatriz Nascimento destrincha os mecanismos racistas no cotidiano, com destaque para as relações interpessoais, na vida profissional, em especial, a acadêmica. O racismo se constitui numa experiência que retira o sujeito de si mesmo, e o anula em vida:

Quando eu comecei a mergulhar dentro de mim, como negra, foi justamente na escola que era um ambiente em que eu convivía com a agressão pura e simples, com o isolamento, com as interpretações errôneas, estúpidas das professoras, a ausência das pessoas da minha cor na sala de aula, a falta de referência (NASCIMENTO, 1982, p. 197).

Ao discorrer acerca da experiência pessoal, Beatriz aponta um dos mecanismos comuns de reação ao racismo que inicia na infância: a busca por ser a melhor, a primeira, combinada com uma certa dose, parcialmente autoimposta, de invisibilidade:

que pode apreender atos predominantemente racistas – a inferiorização das pessoas negras, agressões verbais na escola, no trabalho, nas ruas – e indica também a dificuldade de reação da pessoa negra em determinadas situações.

Na população brasileira em geral, sobretudo no âmbito da branquitude, mas particularmente nas coletividades negras, há quem se recuse ou demore a reconhecer os espectros do racismo. Essa é uma das dores primordiais dos racialmente discriminados:

De tal forma o preconceito contra o negro é violento e ao mesmo tempo sutil, que ele existe latente e muitas vezes vem à tona na relação entre nós mesmos. Temos, vamos dizer, uma atitude de amor e ódio por nós mesmos; a presença, o confronto com o outro nos incomoda também (NASCIMENTO, 1977b, p. 42).

Como é possível que na sociedade brasileira entre alguns segmentos negros e brancos exista tanto proximidade, em vários espaços, quanto distanciamento? Como pode o preconceito contra a população negra ser, ao mesmo tempo, sutil e violento, latente e manifesto? Os aparentes paradoxos podem ser desvendados.

No meu caso específico, o mecanismo para romper com esta situação de adversidade em que eu vivia era justamente estudar e tirar cem, que era a nota máxima na minha época. Eu era uma criança extremamente bem comportada na escola primária, muitas vezes era elogiada pelas professoras porque eu era a mais educada, não pedia nem pra ir lá fora durante a aula. O que eu era, era muito reprimida (NASCIMENTO, 1982, p.197).

As experiências individuais com os mecanismos racistas, vivenciadas por outras pessoas negras, especialmente meninas, jovens e mulheres, a acompanham por toda a vida, e se manifestam de maneira específica quando se torna adulta, com pensamento formado e com uma atividade intelectual definida:

Nas ruas as pessoas me agridem das mais diversas formas. No meu interior há recalcamiento das aspirações mais simples. Em

contato com as outras pessoas tenho que dar praticamente todo o meu “curriculum vitae” para ser um pouquinho respeitada. Há oitenta anos atrás minha raça vivia nas condições mais degradantes. (...) a maioria dos meus iguais permanece social e economicamente rebaixada, sem acesso às riquezas do país que construiu (NASCIMENTO, 1974a, p.43).

Beatriz envereda pela investigação dos efeitos do racismo no que tange aos aspectos psíquicos. De um lado, esta ida à raiz de um fenômeno tão intrincado a faz por em questão o ser negro como uma identidade atribuída pelo outro, o racialmente oposto: “Ser negro é uma identidade atribuída por quem nos dominou” (Nascimento, 1974 a, p. 43).

Em *Meu negro interno* (1974c), relato ficcional escrito em 1974 e que ficou inédito por muitos anos, Beatriz alude ao encontro com um psicanalista para quem coloca a temática racial: “discutindo os aspectos psíquicos do preconceito do indivíduo discriminado, em mim particularmente” (1974c). Ao longo do texto, traz a dimensão coletiva do problema. O analista interpõe uma pergunta:

Perguntou-me até que ponto o “negro” a que me referia não

era mais discriminado por eu mesma; se ele não era maior dentro de mim. Se a criatura rejeitada, agredida, infeliz, não estava sofrendo tudo isso de mim. Em suas palavras – “até que ponto não havia internalizado a discriminação da qual me queixava”? Ressalte-se que ele não negava a discriminação vinda de fora, da sociedade, não atenuava o que eu sofria vindo dos brancos. “mas – argumentava ele –, eu não estaria também agredindo muito, justamente o “negro dentro de mim?” (NASCIMENTO, P.03-04).

A personagem narradora sai do consultório refletindo com o “negro interno”. Atravessa ruas de Copacabana e observa que a maior parte das pessoas trabalhadoras é negra, contrapõe-se à ideia de uma solução somente socioeconômica para o problema racial e que, ao ser superada, eliminaria a discriminação racial. Mais de uma vez, rememora com termos racializados o percurso de quem saiu do subúrbio para Zona Sul:

A noite de Copacabana caminhava em sentido contrário a mim, havia uma agitação típica e ao mesmo tempo abrangedora, proximidade de gente. Nada me parecia hostil. Andava no meu elemento. Pensava com certa paz, no que me dissera meu amigo especialista em psiquês. Brilhante o analista! ELE tinha toda razão quanto ao meu “negro interno”. Afinal, eu fora educada, ascendi de classe não para ser negra, mas para me “igualar ao branco”, não para ser gente, mas para o “branco me aceitar”, “para poder entrar nos lugares que negro não entra (embora não seja proibido)”, para ser um “exemplar” que daria a medida certa da harmonia das raças no Brasil. Um “exemplar”. Fui formada pelo

consenso social, nos bancos escolares para demonstrar que apesar de tudo, venci na vida “mostrando superioridade”. Jogando o meu negro fora. Que mais queria eu? (NASCIMENTO, 1974c, P.05-06).

Ao compor esse quadro de coexistência racial problemática, caminha novamente com o “negro interno” e passa por situações agressivas, por exemplo: ao entrar em um edifício para visitar uma amiga, o porteiro indica a entrada de serviço. A cena a faz rememorar algumas outras vividas na escola, na universidade e em outros espaços brancos. Beatriz retorna a situações do período escravista, retoma o amor suprimido às pessoas negras, e, em processo de autoconhecimento. Encerra o ensaio com imagens de semelhança:

Senti naquele momento o mal-estar de tantos equívocos e odiei o ter ficado desatenta e exposto o “meu negro” a tamanha agressão. recolhi-o a mim. Agora mais calma sorria da ironia da situação. Quase que eu acreditara que estava em minhas mãos fazê-lo feliz, defendê-lo. Mas eu

só o estou conhecendo, e conhecê-lo é justamente expô-lo, perguntar e encontrar resposta, no fundo esclarecedoras como a do meu, ou como a do porteiro do edifício. Conhecê-lo é estar só, como era no canavial, como no tronco, como agora (NASCIMENTO, 1974c, P.09).

Desde esses primeiros textos, Beatriz aponta diversas possibilidades de reação ao racismo que vão desde as estratégias individuais de compreensão do fenômeno, de reconhecimento enquanto grupo étnico-racial, até a constituição dos movimentos negros.

Ela também se remete aos debates feitos na primeira parte do século 20. Em alguns trabalhos, por exemplo, cita criticamente Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Gilberto Freire. Faz referência a autores negros, a exemplo de Edison Carneiro e Guerreiro Ramos. Com este último, parece haver aproximações com ideias que o sociólogo enuncia e defende: abordar “o negro desde dentro” (Ramos, 1954) e diferenciar o “negro-tema”, objeto de estudo, e “negro-vida”, a experiência (Ramos, 1955).

Em *Acerca da consciência racial* (Nascimento, s/d), ela faz considerações referentes ao período entre os anos 1940 e 1970: “o debate sobre as relações raciais que envolvem o negro no Brasil estava na ordem do dia, não tão amplo quanto atualmente, por causa das condições

específicas da época, mas da mesma forma intenso” (p. 01). Nesse ponto, Beatriz se refere a Abdias Nascimento e ao Teatro Experimental do Negro, que tinha como uma das expressões o jornal *Quilombo*, e que convocou em 1950 o I Congresso do Negro Brasileiro, com vistas a debater processos históricos, contextos sociais e subjetivos, além de proposições políticas, econômicas e culturais¹².

Dentre as várias formas de enfrentamento ao racismo no horizonte acadêmico, uma das principais é o caminho das falas e escritas a respeito de um temário da história negra: quilombos, racismo, antirracismo e mulher negra. Nasce uma autora, tributária e contribuinte do pensamento negro descolonizador. Além disso, após os dois primeiros ensaios, a vertente literária é manifestada em *Meu negro interno* e *Acerca da consciência racial*, algo que, posteriormente, assume maior espaço em sua trajetória.



[06]

A TERRA È O
MEU QUILONBO

BEATRIZ Nascimento é uma das pesquisadoras que mais se dedica à temática quilombola e, por mais tempo, quase vinte anos, estuda vários aspectos (toponímia, memória, relação África-Brasil, territorialidade e espaço) e propicia uma produção textual e audiovisual advinda do trabalho (entrevistas, artigos, poemas, filme).

No período em que começa a publicar ensaios, Beatriz Nascimento também escreve resenhas de livros sobre a escravidão e o abolicionismo. Na entrevista *O negro visto por ele mesmo* concedida à Manchete, revista de variedades de circulação nacional, ela é apresentada como integrante do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas, que “vem, há três anos, trabalhando num ambicioso projeto: reescrever, de forma interpretativa, a história do negro no Brasil” (Nascimento, 1976, p. 130). A jornalista prossegue: “[o] que ela pretende não é realizar um trabalho convencional de mergulho no passado, mas estabelecer uma relação de continuidade histórica que, partindo do passado, possa levar uma nova compreensão do papel do negro na história brasileira, incluindo seu presente” (p. 130).

Na entrevista, aparecem delineados muitos dos pontos que, mais à frente, compõem: a história na perspectiva negra; a não separação entre estudo e pertencimento racial; o trato com os documentos coloniais; a definição pelo tema dos quilombos como formas de organização social; e a dialética entre fuga e busca espacial.

QUILOMBO: UM CAMPO DE DISPUTAS

Inúmeros temas considerados acadêmicos nascem fora dos muros universitários ou ganham contornos próprios quando desenvolvidos por sujeitos diretamente inseridos na temática, a exemplo do gênero discutido sobretudo por mulheres e da raça pensada mormente por pessoas negras. No começo da década de 1970, o Grupo Palmares de Porto Alegre propõe publicamente a comemoração do dia 20 de novembro, referente à morte de Zumbi, em contraposição ao 13 de maio, marco da abolição (Silveira, 2003). A ideia se amplia nos grupos negros por todo o país e marca o crescimento do interesse nos quilombos, sobretudo em Palmares e seu último líder.

Intelectuais negros de vários tempos se debruçaram sobre o tema: Edison Carneiro (1947) escreve *Quilombo dos Palmares*; o Teatro Experimental do Negro lança o jornal *Quilombo*, tendo à frente Abdias Nascimento (1948); Clóvis Moura (1959) publica *Rebeliões da Senzala*. Tais autores e livros são referenciados por Beatriz Nascimento em alguns escritos.

No período em pauta, a militância negra, uma parte com percurso acadêmico, concebe de maneira diferenciada os quilombos enquanto reação ao sistema escravista com diversas conotações. É nesse contexto que ocorre a emergência do quilombo como questão para as ciências humanas e a mídia impressa.

No suplemento *Folhetim* da Folha de São Paulo, alguns números abordam a questão negra e racial, com matérias de militantes e/ou acadêmicos(as). Em um dos números do periódico, Beatriz Nascimento (1981), ao ser entrevistada por Raquel Gerber, diretora de *Orí*, documentário em elaboração, enuncia brevemente a metodologia e as preocupações que compunham o projeto de pesquisa no qual

a historiadora está envolvida, a exemplo dos quilombos, das favelas, dos “bailes black” e das comunidades negras rurais contemporâneas, em processo de identificação pela militância, a academia e a imprensa.

Lélia Gonzalez (1988; 1981), por exemplo, em mais de um artigo focaliza mulheres negras quilombolas. A autora as ressalta, seja em *Nanny*, mulher mítica que assume no Caribe uma importância semelhante a Zumbi, ou, metaforicamente, em Marli Soares, uma mulher negra que testemunhou a morte do irmão por policiais até os culpados serem presos.

No final dos anos 1970 e na década seguinte, o movimento negro urbano se aproxima de comunidades rurais, a exemplo do Cafundó situado em Salto de Pirapora, São Paulo. No 3º Congresso de Cultura Negra das Américas, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, de 21 a 27 de agosto de 1982, dentre as discussões do Grupo Movimentos Sócio-Políticos, é registrada a seguinte proposição:

Na questão da terra:

Que os movimentos negros apurem onde existem terras ocupadas por comunidades negras, e providenciem por meios legais, a aplicação da usucapião evitando os problemas de usurpação das terras.

*Luta pela defesa dos posseiros, na sua maioria negros e mestiços, com aplicação das leis, desprezadas pelo próprio Estado*¹³.

O quilombo assume um significado amplo de resistência em diversos espaços e territórios, como é o caso

de Palmares e o Sítio da Serra da Barriga, onde se realizam memoriais das lutas, e as “comunidades negras rurais” em processo de reconhecimento.

No “Centenário da Abolição”, a comunidade negra rural de Conceição dos Caetanos, situada no Ceará, é referida em matéria da revista Isto É junto com indicações do trabalho de Beatriz Nascimento em que localiza localidades como Isidoro (no Sul da Bahia): “comunidades negras que, no lugar dos antigos quilombos, permaneceram fiéis, depois da abolição, em 1888, aos rituais e aos meios de sobrevivência de seus ancestrais escravos fugidos” (Martins, 1988, p. 39). A matéria traz uma fotografia de Conceição e outra da historiadora.

Ainda no ano do centenário da abolição, Hamilton Cardoso expressou sabiamente na expressão “O quilombo de cada um”, título de uma de SUAS matérias, as divergências entre profissionais da História (Mário Maestri Filho, Reny Gomide), do cinema (Cacá Diegues) e da política (Teotônio Vilela) em torno do Quilombo de Palmares, durante simpósio ocorrido em Maceió:

Tudo indica que há um debate fervoroso escondendo-se por trás dos discursos intelectuais. Um debate que teria como objetivo promover uma verdadeira revolução da metodologia de análise da história. (...) Entre os debatedores, pôde-se perceber claramente a existência de duas correntes metodológicas fundamentais: uma ortodoxa, que enxergaria nas relações de classe as explicações de todos os fenômenos políticos da sociedade, e uma outra, menos ortodoxa – ou talvez mais – que

procuraria outros fatores a recheiar e alimentar tais relações. (...)
O fato novo que surgiu em Maceió talvez tenha sido o exercício nacional do sonho em torno da república negra. Um sonho que não deverá envolver apenas negros: deverá permear várias classes sociais, inspirando-se ou não na contradição surgida entre Ganga Zumba e Zumbi, mas envolvendo todos os aspectos do quilombo de Palmares – a república do prazer (Cardoso, 1981, p. XX).

Houve “demora” da academia em aceitar o quilombo como linha de pesquisa, com exceção do quilombo de Palmares. Dentre os trabalhos de autores negros, as referidas obras de Edison Carneiro, Abdias Nascimento (com a proposta do Quilombismo) e Clóvis Moura (nas várias edições de *Rebeliões da Senzala* aparecem quase isoladas ou foram desconsideradas no âmbito acadêmico.

Em universidades paulistas, no período em foco, há alguns estudos com comunidades negras rurais. Na Unicamp, Carlos Vogt e Peter Fry, interessados no quilombo do Cafundó, situado em Salto de Pirapora, indicam o que perpassava o segmento acadêmico hegemônico sobre a invisibilidade negra no campo, pois supunham a desagregação das famílias negras após a abolição formal da escravidão: “quase um mito de interpretação do processo social, que postula quase que a total desagregação das famílias negras depois da Abolição” (Vogt; Fry, 1997, p. 325).

Na USP, João Baptista Borges Pereira (1981) desenvolve um projeto sobre comunidades negras rurais oriundas de terras apossadas, compradas ou doadas,

por exemplo, à igreja. Uma das intenções é questionar uma ideia reelaborada e propagada pela militância negra acadêmica: “O primeiro [conceito], de repente, tornou-se um conceito fascinante, principalmente para alguns ideólogos, em especial negros, preocupados em revisar tópicos da historiando Brasil. Enquanto compartilhada ou mesmo feita pelo negro” (p. 67).

A questão do quilombo, enquanto parte da experiência negra vista “de dentro”, incomoda a academia brasileira nas décadas de 1970 e 1980. No entanto, o tema a “invade”. Nesses dois casos é perceptível um descompasso entre os acadêmicos hegemônicos e a intelectualidade negra, jamais nomeada ou citada, o que indica, além de um incômodo, a recusa em reconhecer o saber militante. A militância, uma parte com carreira acadêmica, concebia de maneira diferenciada os quilombos enquanto reação ao sistema escravista, lócus de resistência, sociedade alternativa e/ou igualitária (Ratts, 2003).

A TRAJETÓRIA DE BEATRIZ NASCIMENTO EM DIREÇÃO AO QUILOMBO

Antes de iniciar o projeto de pesquisa que leva para a especialização e para o mestrado propor uma história negra, Beatriz demonstra interesse pelos quilombos. O ensaio *Zumbi de Ngola Djanga* (Nascimento, 1976), referente a Palmares e Zumbi, traz uma síntese de estudos

sobre o tema. Em meados dos anos 1970, redige algumas resenhas de livros acerca da escravidão e do abolicionismo para jornais de grande circulação.

No projeto de pesquisa, conhecido por meio de relatório e artigos, Beatriz reitera as críticas à historiografia da época que mostra pouco ou nenhum interesse sobre a formação dos quilombos e manifesta interpretações reducionistas de um fenômeno vasto e variado no tempo e no espaço. O material relativo ao trabalho contém plano de tese, anotações de trabalho de campo, levantamentos bibliográficos e cartográficos, e relatório, além de ensaios publicados e outros que permaneceram por muito tempo inéditos. Os textos elaborados passam por revisões, reescritas e delimitações. Ao todo, compõem um conjunto condizente com um trabalho acadêmico de porte significativo.

No relatório, Beatriz Nascimento (1981) menciona a obra *O Quilombo dos Palmares*, de Edison Carneiro, que toma o referido quilombo do século XVII como principal exemplo para delinear as reações negras contra a escravidão: revoltas, insurreições e quilombos. Ela também se refere a outros trabalhos para enunciar a existência do aquilombamento em todas as regiões brasileiras, “mesmo naquelas onde o regime escravista não possui maior significação”, e indaga: “como explicar historicamente um processo sem atentar para sua dinâmica e diferenciação no tempo?” (p. 02).

A busca de Beatriz Nascimento voltada para os quilombos é, ao mesmo tempo, científica, política e pessoal, conquanto pertence à coletividade étnico-racial que estuda:

*Dizendo isto, estou tentando
transmitir minha experiência*

*de pesquisa sobre os quilombos
brasileiros, pesquisa que tomou,
no projeto, o título de “Sistemas
sociais alternativos organizados
pelos negros – dos quilombos às
favelas”. Este projeto é também
um grande sonho. Cientificamente
falando, pretendemos demonstrar
que os homens e seus grupamentos,
que formaram no passado o que se
convencionou chamar “quilombos”,
ainda podem e procuram fazê-los.
Não se trata de, no meu
entender, exatamente de
sobrevivência ou de resistência
cultural, embora venhamos a
utilizar estes termos, algumas
vezes como referência científica.
O que procuramos neste estudo
é a “continuidade histórica”,
por isso me referi a um sonho
(NASCIMENTO, 1982a).*

Nesse excerto de uma apresentação preliminar de resultados do trabalho de campo em Minas Gerais, há ideias que reaparecem em outros ensaios, nas entrevistas e nos textos do filme *Orí*. Para Beatriz Nascimento (1985), existem vários conceitos de quilombo, dentre os quais se destacam: o quilombo africano na área Congo-Angola no século 17; o quilombo dos períodos colonial e imperial no Brasil; e o quilombo como ideologia de resistência cultural.

A partir de leituras e da viagem a Angola, Beatriz apresenta a formação e os significados do quilombo africano:

*A característica nômade dos Imbangala, acrescida da especificidade de SUA formação social, pode ser reconhecida na instituição do quilombo. A sociedade guerreira imbangala era aberta a todos os estrangeiros, desde que iniciados. Essa iniciação substitui o rito de passagem das demais formações de linhagem. (...)
Seriam quilombo os próprios indivíduos ao se incorporarem*

à sociedade imbangala. O outro significado estava representado pelo território ou campo de guerra. Ainda outro significado para quilombo dizia respeito ao local, casa sagrada, onde se processava o ritual de iniciação. O acampamento de escravos fugitivos, como quando alguns Imbangala estavam em comércio negreiro com os portugueses, também era quilombo. (NASCIMENTO, 1985, p. 43) ¹⁴

Beatriz Nascimento (1985), ao traçar o vínculo entre o *quilombo* africano e o quilombo brasileiro, evidencia os problemas com a pesquisa documental para o período colonial:

Se fizermos inferências no sentido de coincidência de datas, vamos notar que o Quilombo dos Palmares não deixa de ser

fenômeno paralelo ao que está se desenrolando em Angola no final do século XVI e início do século XVII. Talvez seja este quilombo o único a permitir a correlação entre o quilombo, instituição angolana, e o quilombo do Brasil colonial. O auge da resistência janga se dá exatamente entre 1584 e meados do século seguinte, após o qual essa etnia se alia ao esforço negreiro português. Nesse mesmo momento se estrutura Angola Janga, conhecido como Quilombo dos Palmares no Brasil (NASCIMENTO, 1985, P.43-44).

No caso dos quilombos dos períodos colonial e imperial, Beatriz chama atenção para a variação de organizações, portes e localização. Nesse esforço de interpretação comparativa, tendo em vista o aquilombamento nas duas margens do Atlântico, além da importância da fuga, Beatriz esboça a ideia de “procura espacial”:

Há muitas semelhanças, mas também diferenças. Quase todos

os quilombos de Angola, que visitei, transformaram-se em cidades. Mas para mim, na raiz de todos os quilombos, existe uma procura espacial do homem que se relaciona com muitas questões discutidas atualmente, como a ecologia (NASCIMENTO, 1981).

A busca pode se dar em relação a um local próximo do qual se foge ou mais distante, a depender do conhecimento do território. Essa é uma dos percursos da gente negra em diáspora: povos transplantados das terras africanas que criam lugares e expressões culturais nas Américas e no Caribe.

Desse quadro, Beatriz traz outra ideia para a compreensão do aquilombamento: o sentido ideológico dos quilombos no século 20, atribuído por literatos e militantes. Um dos marcos temporais dessa discussão se encontra na referida Quinzena do Negro da USP, na qual ela profere a conferência *Historiografia do Quilombo*:

É enquanto caracterização ideológica que o quilombo inaugura o século 20. Tendo findado o antigo regime, com ele foi-se o estabelecimento como

resistência à escravidão. Mas justamente por ter sido durante três séculos concretamente uma instituição livre, paralela ao sistema dominante, sua mística vai alimentar os anseios de liberdade da consciência nacional [...]

Este momento de definição da nacionalidade faz com que a produção intelectual se debruce sobre este fenômeno buscando seus aspectos positivos como reforço de uma identidade histórica brasileira. Mas não só nela, em outras manifestações artísticas o quilombo é lembrado como desejo de uma utopia. A maior ou menor familiaridade com as teorias da resistência popular marcam esta produção, que é inclusive demonstrada em letras de samba (NASCIMENTO, 1985, p. 46).

Seguindo as indicações de Beatriz, é possível listar referências ao grande quilombo no nome de organizações, no título de livros e de trabalhos artísticos: na Frente Negra Brasileira (1931-1937) existe a associação Centro Cívico Palmares; a Editora Nacional publica as obras *A Guerra dos Palmares* de Ernesto Ennes (1938) e *O Quilombo dos Palmares* de Edison Carneiro (1947); peça *Arena Conta Zumbi*, tendo à frente o teatrólogo Augusto Boal, é montada nos anos 1970. Nesse período, a maior retomada da concepção de quilombo vem dos movimentos negros:

Foi a retórica do quilombo, a análise deste como sistema alternativo, que serviu de símbolo principal para a trajetória deste movimento. Chamamos isto de correção da nacionalidade. A ausência de cidadania plena, de canais reivindicatórios eficazes, a fragilidade de uma consciência brasileira do povo, implicou numa rejeição do que era considerado nacional e dirigiu este movimento para a identificação da historicidade

*heróica do passado.
Como antes tinha servido
de manifestação reativa ao
colonialismo de fato, em 70 o
quilombo volta-se como código
que reage ao colonialismo cultural,
reafirma a herança africana e
busca um modelo brasileiro capaz
de reforçar a identidade étnica*
(NASCIMENTO, 1985, p. 47).

Para Beatriz, o quilombo, especialmente Palmares, podia ser considerado um projeto de nação, protagonizado pela gente negra e incluído de outros setores subalternos. Quando assume a vertente ideológica do termo, ela amplia o significado para abranger um território de liberdade, não apenas referente à fuga, mas à busca de um tempo/espço, a exemplo de um trecho da narrativa no filme *Orí*:

*Quilombo é uma história.
Essa palavra tem uma história.
Também tem uma tipologia de
acordo com a região e de acordo
com a época, o tempo. Sua relação
com o seu território.
É importante ver que, hoje, o*

*quilombo traz pra gente não mais o
território geográfico, mas o território
a nível (sic) duma simbologia. Nós
somos homens. Nós temos direitos
ao território, à terra. Várias e várias
e várias partes da minha história
contam que eu tenho o direito ao
espço que ocupo na nação. E é
isso que Palmares vem revelando
nesse momento. Eu tenho a direito
ao espço que ocupo dentro desse
sistema, dentro dessa nação,
dentro desse nicho geográfico, dessa
Serra de Pernambuco. A Terra
é o meu quilombo. Meu espço é
meu quilombo. Onde eu estou, eu
estou. Quando eu estou, eu sou*
(NASCIMENTO, 1989).

O processo de constituição de coletividades negras enquanto qualificadoras de um espço se estende para além de 1888, e não está restrito a territórios permanentes. O corpo negro plural constrói e qualifica outros espços, de várias durações e extensões, nos quais quem o habita

ou utiliza se reconhece. A continuidade entre quilombos e favelas, ao menos no Rio de Janeiro, pode ser observada em alguns locais. As concepções de quilombo elaboradas por Beatriz Nascimento se diferenciam em parte das narrativas e estratégias das comunidades quilombolas contemporâneas. Todavia, há sentidos históricos em comum do ser/estar da pessoa e da coletividade no território. Dizendo de outra forma: do direito ao território.

O tema do quilombo transborda dos artigos e ensaios referentes à pesquisa para a escrita literária, como é possível ver nos poemas *Urgência I* e *Urgência II*, e nos textos em prosa *Zumbi dos Palmares* e *A primeira grande perda – o baú da vovó*. Neste último, Beatriz reapresenta a existência dos quilombos e aciona o pertencimento às terras sergipanas, área de engenhos, canaviais, fugas, perdas e buscas:

*É uma verdade sublime pois
ultrapassa a minha condição
comum – ser descendente dos
quilombos de Sergipe é sentir essa
dimensão trágica da perda da terra
ao mesmo tempo em que se vive
voltada para ela em busca do ponto
onde foi rompida esta história*
(NASCIMENTO, 1983a, p.01)

personagem ao mesmo tempo histórico e mítico, mas um mito colocado em suspense, a exemplo do que está nos textos narrados no filme *Orí*. A trama entre objetividade e subjetividade ganha contornos mais explícitos, o que pode ser visto como uma proposta em curso de crítica à ciência moderna e colonialista, ou seja, de um pensamento negro descolonizador.

Na geopoética de Beatriz Nascimento, o Quilombo, a África e a Terra são terras-mãe imaginadas. Zumbi é um

[07]

CORPO-MAPA
DE UM PAÍS
LONGÍNQUO

EM meados dos anos 1970, quando Beatriz delinea as temáticas de estudo e amplia as atividades de escritas e falas públicas, o corpo não é alçado à condição de noção ou conceito nas humanidades. Em alguns textos autorais há menções ao tema. Em *Meu NEGRO interno* (Nascimento, 1974c), ao trazer a experiência pessoal, próxima, para tratar das situações racistas, aponta:

“tento chegar, o mais perto de como subjetivamente reagimos diante de uma realidade tão opressora; de como resolvemos as questões que nos fustigam, hoje, nossas mentes, ontem nossos corpos” (NASCIMENTO, p.01).

Sem correlações diretas, cerca de duas décadas antes, em *Pele Negra, máscaras brancas*, Frantz Fanon (2020) aponta questões relativas ao corpo negro, locus subjetivado da experiência racial:

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas (p. 126).

Partindo de outra experiência, Guerreiro Ramos lapida uma frase que vai no mesmo sentido de projetar no corpo o existir:

“Sou negro, identifico como meu o corpo em que o meu eu está inserido, atribuo à sua cor a suscetibilidade de ser valorizado esteticamente e considero a minha condição étnica como um dos suportes do meu orgulho pessoal” (1954, p. 213)

Em período e contextos posteriores, na primeira edição de *Samba, o dono do corpo* (1979), Muniz Sodré traz a lume o lugar do corpo negro nos processos históricos e espaciais da sociedade brasileira:

“O corpo exigido pela síncopa do samba é aquele mesmo que a escravidão procurava violentar e reprimir culturalmente na História brasileira: o corpo negro” (p. 17).

A afirmação é complementada:

Nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades, havia samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do corpo negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano (p. 18).

É esse corpo – aprisionado, vendido, exposto, torturado, escondido, fugitivo, aglutinado, rebelde, criativo – em

variados espaços interligados que Beatriz Nascimento aborda em falas e escritas, particularmente nos textos inseridos e narrados no filme *Orí: o corpo físico e histórico, o corpo como mapa e documento*.

CORPOREIDADES NEGRAS TRANSATLÂNTICAS E TRANSMIGRADAS

Para Beatriz, o corpo negro se constitui e se redefine na experiência da diáspora e na transmigração (por exemplo, do canavial para o quilombo, do campo para a cidade, do Nordeste para o Sudeste). Os textos apontam uma significativa preocupação com essa (re)definição corpórea. Ao tratar dessas perdas – das imagens africanas, de África, das várias Áfricas e de si mesmo – Beatriz recupera a ideia da pessoa negra enquanto ser desumanizado pelo escravismo e pelo racismo.

Diante desse quadro, Beatriz reflete acerca da imagética pessoal, da “perda da imagem” que atinge o vasto contingente africano na travessia forçada e da busca de referências na diáspora:

*Na medida em que havia um
intercâmbio entre mercadores
e africanos, chefes, mercadores*

*também, havia uma relação
escravo/escravo como também
de intercâmbio, uma **change**.
Essa troca era do nível do soul,
da alma, do homem escravo. Ele
troca com o outro a experiência
do sofrer. A experiência da perda
da Imagem. A experiência do
exílio* (NASCIMENTO, 1989).

Em face do repertório de imagens fixadas ao longo do que convencionalmente chamamos de história, o corpo negro é aquele raptado em terras africanas, trazido em navios negreiros, acorrentado em senzalas, obrigado a trabalhos forçados; o corpo vestido de algodão cru ou de rendas, mas descalço porque escravizado, que se move das cozinhas para as ruas¹⁵.

Certamente, para o período escravista, uma pesquisa iconográfica aponta outras imagens. Beatriz ressalta a interrelação entre corpo, espaço e identidade passível de ser refeita por quem busca se tornar pessoa (e não coisa): no quilombo, na casa de culto afro-brasileiro, em um espaço de encontro e/ou diversão, no movimento negro, diante do espelho, de uma fotografia ou um filme.

Desta forma, o corpo negro pode ser aquele que foge e, por vezes, conquista temporadas de tranquilidade, aquele que é recolhido no terreiro e, ao sair da cama-

rinha, refaz – em movimento – narrativas de divindades africanas; pode ser o corpo que dança sozinho ou em grupo ao som do *funk*, a pessoa que delinea tranças ou penteados *black*; pode ser igualmente aquele que representa uma corporeidade africana num desfile de escola de samba.

Ao ler ou ouvir os textos escritos ou falados de Beatriz Nascimento, e ao ver suas imagens em movimento, arrisco-me a afirmar que ela demonstra profundo senso da figura e da performance. Imagino que, ao fazer uma palestra ou conferência ou ao conceder uma entrevista, tem a consciência de quem se observa e é observada. Mais ainda, deduzo que o faz por saber a importância da construção corpórea, espacial. O cenário é amplo. Uma virada estética acontece a partir dos anos 1960 em várias partes das Américas e da África, em sociedades de passado colonial e escravista e de presente racista e segregado.

Entre reflexões e posicionamentos, Beatriz Nascimento experimenta e provoca um deslocamento da imagem da mulher negra inferiorizada/objetificada para a de mulher negra falante/pensante/militante/intelectual/artista: uma representação correlata à espessura da persona e das ideias.

No pensamento de Beatriz, o corpo negro pode ser aquele que porta necessidades radicais de liberdade, procura e constrói lugares de referência duradouros ou transitórios como os desfiles das escolas de samba e os bailes *black*:

Eu acho que esse pessoal que está se movimentando em volta da música negra americana, num sentido

é muito positivo em termos de convívio, de identidade, de conhecer o outro, de saber o outro, de apalpar o outro, de dançar com o outro. Eu sinto que esse pessoal jovem agora se organiza nesse movimento soul, eles vão ter menos problemas que eu tive, por exemplo, eu que sempre vivi alijada da comunidade branca e convivendo com ela e alijada da comunidade negra e vivendo com ela. [...] Esse processo aí pode ser um processo na medida em que o soul é uma coisa moderna, atual, que está na televisão, no cinema, no jornal, que é de americanos. quer dizer, que tem inclusive essa possibilidade de afirmação ao nível do que eu sou bonito, eu sou forte, de que eu tenho um corpo bom (NASCIMENTO, 1977, p.15).

No mesmo sentido, Beatriz dirige uma crítica a intelectuais que têm reservas com os bailes *black* por serem

um tipo de “alienação cultural” calcada em música e estética estrangeiras:

*Eu conheço muita gente de soul
no Rio que o pessoal sempre me
pergunta se eles são alienados.
Então, eu digo: não. Eles não são
alienados, eles estão vendo o outro,
na medida em que eles estão junto
com os outros, não são alienados.
Porque o grande drama da gente,
a grande tragédia, é justamente
a perda da compreensão do nosso
passado, a perda do contato
com o outro. Isso é fundamental*
(NASCIMENTO, 1977, p. 15).

É possível concluir que o corpo negro se move por essa cartografia cultural, consciente ou inconscientemente, em transe ou em trânsito, embalado em trilhas sonoras do Atlântico Negro, acústicas ou eletrônicas: marabaixo, tambor de crioula, maractu, afoxé, congada, samba, reggae, samba-reggae, blue, jazz, rythm & blues, funk, rap, drum'n'bass e muito mais.

CORPO: DOCUMENTO E MAPA

Milhões de pessoas viveram uma travessia de separação da “terra de origem”: a África. Nas Américas, passaram por outros deslocamentos como a fuga para os quilombos e a migração do campo para a cidade ou para os grandes centros urbanos. Para Beatriz Nascimento, o principal documento dessas travessias, forçadas ou não, é o corpo. Não somente o corpo como marca ou aparência – cor da pele, textura do cabelo, feições do rosto – pelas quais pessoas negras são identificadas e discriminadas. Ela traz à tona o drama do rapto e da separação com o território africano.

*Entre luzes e som só encontro
o meu corpo antigo. Velho
companheiro das ilusões de caçar a
fera. Corpo de repente aprisionado
pelo destino dos homens de fora.
Pelo desejo de uma história,
que hoje conta sem culpas como
fui desatento no instante de
conquistar.
Corpo-mapa de um país longínquo
que busca outras fronteiras que*

*limitem a conquista de mim.
Quilombo-mítico que me
faça conteúdo das sombras
das palmeiras. Contornos
irrecuperáveis que minhas mãos
tentam alcançar* (NASCIMENTO,
1983B, P. 02).

Nos mapas africanos, americanos e caribenhos, é rara a demarcação de pontos que são quilombos (palenques, cumbes ou maroons). A cartografia moderna-colonial elaborada para a África indica a existência de muitas sociedades. Na geografia imaginativa brasileira, a vasta extensão africana é a presença negra é assinalada na África, mas não na Europa. As Américas são representadas como espaço indígena e o Caribe como uma área negra. No entanto, com exceção de rotas do tráfico escravista, são pouco evidenciadas as ligações transatlânticas não somente culturais, mas políticas e filosóficas.

O corpo ocupa e se apropria de espaços. Um lugar ou uma manifestação de maioria negra é “um lugar de negros” ou “uma festa de negros”, o que não se resume a encontros corporais. Trata-se de reencontros de uma imagem com outras semelhantes e, ao mesmo tempo, diferenciadas. Um ponto de encontro de trajetos e de histórias.

O corpo é igualmente memória. Da dor – impressa nas imagens da escravidão em contínua exposição em livros, filmes e espaços museológicos –, das tramas de resistência e dos fragmentos de liberdade e contentamento

– no olhar cuidadoso para a pele escura, no toque suave no cabelo crespo, no movimento gestual que ancestrais fizeram no trabalho, na arte, na vida. O movimento é corpóreo-espacial. Uma atitude para escapar dos estereótipos e das discriminações. Um deslocamento para estar nos lugares onde pessoas negras não entram ou ainda são minoria desigual. Uma geografia resiliente formada por territórios negros.

A cabeça sintetiza tudo isso. Rosto e cabelo são marcas da raça social e política que nos diferencia (Gomes, 2002). Cabeça – intelecto, memória, pensamento. Cada um tem o direito de fazer essa viagem de volta. Olhar-se no espelho da raça e reconstruir a identidade e o corpo pensando nos deslocamentos pessoais e nas rotas das coletividades com as quais tem ou, a partir de indícios, imagina ter vínculo.

O corpo negro, mesmo parado ou fixado numa imagem, enuncia sentidos. Na memória corporal ou na difícil construção da cidadania, a linha do corpo negro continua desenhando o espaço. Fio da memória. Fio da identidade. Imagem recuperada e refeita como representação visual, pintura, fotografia e filme; corpo como território das relações de poder e de racialização; identidade como reconhecimento; reelaboração do pensamento negro; amplexos entre a razão e a emoção.

Os textos de Beatriz Nascimento nos trazem esses apontamentos que autorias contemporâneas repontam enquanto componentes das culturas viajantes entre lugares, em trânsito, na diáspora.

*Afinal, o que é o corpo afrodescendente para os
vários segmentos da sociedade brasileira? É*

preciso que olhemos para este corpo não apenas como um território que demarca bem a diferença racial, um termômetro que indica as tensões cotidianas resultantes das desigualdades geradas pelo racismo. Este corpo também se constitui em conjunto de signos (Inocêncio, 2001, p. 192).

O corpo transmigrado permite fazer indagações: da cabeça aos pés, uma imagem repleta de signos, um corpo que desenha o espaço. A ocupação ou construção de lugares culturais, políticos, acadêmicos e artísticos por uma inflexão sem volta nos anos 1960 e 1970, em várias partes do mundo, a exemplo de África do Sul, Estados Unidos, Jamaica, Colômbia e Brasil. É o soerguimento de uma voz e uma corporeidade.

A pessoa coletiva negra¹⁶ com o corpo em relações (con)sentidas, percorre em transmigração locais e percursos fragmentados na diáspora. Reconhece-se nesse repertório de espaços descontínuos e, por vezes, os correlaciona, os preenche, levanta-se e se movimenta num alargamento de horizontes, em face de um sistema cujas forças o reduzem, o encapsulam e o puxam para baixo.

Nos textos de Beatriz, o corpo negro pode se estender simbolicamente ao máximo, até se confundir com a paisagem, com o território quilombola, com o terreiro, com partes da África, com toda a África e toda a Terra, numa geopoética negro-africana:

Quilombo é aquele espaço geográfico onde o homem tem a sensação do oceano. Raquel você

precisa se sentir na Serra da Barriga. Toda a energia cósmica entra no seu corpo. Eu fico grande numa serra. Eu fico assim, Raquel, alta. Eu, assim fico alta, parecendo os imbangala (NASCIMENTO, 1989).

A aparente essencialização presente neste excerto não se sustenta porque os símbolos geoculturais por ela acionados são perfeitamente mapeáveis, ou seja, passíveis de se inserir numa cartografia cultural que relaciona África e Brasil, e que permite à pessoa negra se posicionar dentro de uma gama de raízes e rotas.



[08]

ORÍ, ESSE
PROCESSO DE
FAZER A CABEÇA

ANOS 1980. Beatriz adentra a década como uma acadêmica militante conhecida no campo das questões negras e raciais. Cursa, ao mesmo tempo, a especialização e o mestrado em história na Universidade Federal Fluminense. Sua trajetória passa por várias inflexões: é diagnosticada com transtorno psíquico, algo que faz referência em textos e poemas; por duas vezes, faz o trancamento da matrícula do segundo curso (Machado, 2024);

torna-se professora de história na rede pública de ensino fluminense; envereda-se pela escrita poética; concede entrevistas à cineasta Raquel Gerber, que, em parte, compõem o documentário *Orí*, sobretudo no temário – quilombos, cultura negra – e no relato pessoal.

Beatriz encerra a década e inicia a seguinte com participações em exposições do filme, muitas delas seguidas de debates. Em entrevistas e ensaios, a partir do filme, mas não somente, retoma o processo de formação do movimento negro. No conjunto das textualidades registradas em poemas, prosa e aforismos, algumas experiências e reflexões se passam “em torno da cabeça”, do *orí*, termo *yorubá*, que ela capta e ressignifica:

Orí, vocábulo de origem africana, concernente aos povos nagôs (África Equatorial e Ocidental), significa cabeça. Quando de posse de um orixá (Força Cósmica que sustenta e dinamiza o

universo), o indivíduo através do procedimento iniciático-religioso invoca os espíritos dos ancestrais, traduzindo-os em funções cerebrais: “fazer a cabeça” vem ser a apreensão da consciência amadurecida do existente no mundo externo, concomitante ao autoconhecimento.

Orí neste contexto é o elo entre o passado e o presente, entre o mundo natural e sobrenatural (Orun), entre o tempo histórico original, em África e o hodierno na América Nagô (Brasil, Haiti, Cuba, etc.) (1989b, p.01).

Àquela época, as religiões de matriz africana alçavam certa visibilidade por meio de *yalorixás* e artistas, o processo de iniciação é referido pela expressão “fazer a cabeça” e que se tornou uma gíria. Beatriz ressignifica as palavras “*orí*” e “cabeça” para tratar de temas relativos à subjetividade e à saúde psíquica.

ESCRITA POÉTICA E DESCOLONIZAÇÃO

Beatriz Nascimento tem participação no circuito da literatura negra que se configura no final dos anos 1970 com expoentes anteriores, a exemplo de Oswaldo de Camargo, Oliveira Silveira e Geni Guimarães. Tem uma diletta amizade com Jônatas Conceição, baiano, jornalista, poeta, militante do MNU e um dos fundadores do Bloco Afro Ilê Aiyê para quem redige o prefácio de *Outras Miragens* (Conceição, 1989). É convidada a participar do evento II Perfil de Literatura NEGRA – Mostra Internacional de São Paulo, para o qual escreve o ensaio *Literatura e identidade* (Nascimento, 1987).

Beatriz deixa muitos poemas inéditos. Em vida, publicou apenas *Urgência (À Potência Z)*, – uma alegoria da figura de Zumbi (Nascimento, 1989b, p. 08). Na coletânea *Todas (as) distâncias* (Nascimento; Ratts; Gomes, 2015), além dos poemas, eu e Bethania inserimos alguns aforismos, termo com que ela identifica textos curtos que sintetizam um pensamento.

Desde os textos iniciais às falas públicas, ao pôr em questão as exigências rígidas de se fazer ciência com objetividade e neutralidade, Beatriz aponta a importância de trazer para a pesquisa e para a escrita as dimensões pessoais que também são coletivas em se tratando da gente negra. Em entrevistas a Haroldo Costa, reporta-se aos dilemas psíquicos da pessoa negra numa sociedade racista:

Observando bem, a gente chega à conclusão que vive numa sociedade dupla, ou tripla. Na medida em que ela impõe na sua cabeça que é uma sociedade branca, que o seu comportamento tem que ser padronizado segundo os ditames brancos, você como preto se anula, passa a viver uma outra vida, flutua sem nenhuma base onde pousar, sem referência e sem parâmetro do que deveria ser a sua forma peculiar (NASCIMENTO, 1982, p. 196).

Essa “vida dupla”, em que uma das dimensões ora está subsumida, ora aflora, segue a pessoa negra por toda a vida e causa problemas de várias ordens, inclusive psíquicos. Na sequência, Beatriz menciona que está em tratamento com analistas e traz argumentos que a levam a esse caminho:

Estou-me analisando não é por diletantismo ou maluquice, talvez nem seja para consertar nada em

mim, é possível que esteja para adaptar-me à dualidade que a sociedade me obriga a aceitar, porque me proíbe de ser como eu sou, da mesma forma como faz com muitos outros negros. Do momento em que a gente vive numa sociedade dual, tenta se adaptar e nesse desespero, se pode parar na prisão ou no hospital, e as pessoas que supostamente deviam nos tratar não nos conhecem, ainda que pensem que sim (NASCIMENTO, 1982, p.196).

No aforismo *Se eu pudesse encontrar o fio*, escrito em 1987, faz mais alusões ao tratamento da saúde mental e à vontade de alcançar um plano de bem-estar:

Se eu pudesse encontrar o fio onde tudo se confundiu. Se me senti enganada e dei chances de afirmarem o desencanto de não ter ainda forças de braços, num rijo e apertado abraço desligado de

mim. Sentiria-me com sono, sem este estado de vigília, que dura por tanto tempo e leva-me à exaustão. Se meu cérebro descansasse de recordações perversas, de dilaceradas lembranças! Se eu pudesse escrever não tormento, mas alegria, não ressentimento, mas afirmação. Ah! Se pudesse descrever objetivas razões e não meu próprio subjetivo alçando-me a essas horas intactas. Se meu cérebro repousasse não à custa dessas drogas psicopatas, mas num descansar legítimo, quando embalada em letal delícia meus sonhos sejam produzidos. Nunca o estado de impotência.

Com o cuidado de não projetar diretamente traços biográficos sobre o texto, vale ressaltar o poema *Surto Final (Estação Terminal)*, datado do mesmo ano, no qual traz a lume uma situação de sofrimento psíquico, a memória da infância e recorrente TEMA dos deslocamentos:

MEU MÉDICO NÃO ESTÁ!
COMO ESTA NOITE IREI SONHAR
COM FLORES E COISAS LINDAS
COMIGO COMO MENINA
CERTA VEZ EU FIZ CRIAR

CHORO A ZANGA DE MENINA
QUE COM FANTASIAS FAZIA
A COISA ACONTECER
NUM DIVAGAR FASCINANTE
DE ROTAS, SONHOS E FALAS (?)
QUE COMIGO SE FEZ CRESCER

Nessa textualidade, Beatriz inscreve os dilemas pessoais e remete a outras referências negras. Para fazer uma justaposição com outro artista, evoco o exemplo de Lima Barreto que traz a adicção e os transtornos psíquicos para diários e contos. No livro-relato *Diário do Hospício* (Lima Barreto, 2010), referente à internação entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, no Hospício de Alienados, o escritor imprime a memória e a reflexão de um homem negro adulto limitado de cumprir atribuições a ele imputadas¹⁷. Em um ensaio, ao tratar desse processo na sua trajetória, remeti-me ao aforismo e ao poema aqui inseridos, e fiz a indagação: “onde ela se sente bem?” (Ratts, 2015).

Nas décadas em tela, outras duas acadêmicas-ativistas se dedicaram a estudos da psique em relação à dimensão racial, especialmente com a psicanálise: Lélia Gonzalez (1983) na atuação no Colégio Freudiano, no enveredamento pela leitura de Lacan, exemplificada no ensaio *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, e Neuza Santos (1983), igualmente com formação em psicanálise, na pesquisa que vem constituir o livro *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão*.

Outra questão evidenciada por Beatriz se situa no horizonte da escrita formal: o dilema mais de uma vez reportado da obrigação de elaborar um texto acadêmico, pontuado de enquadramentos, com exigência de objetividade e barreiras para projetar a subjetividade:

“Mas como eu vou escrever um livro se há tantas regras? Eu queria escrever um livro de

guerreiros e palmeiras, mas me exigem uma tese, uma verdade a ser defendida” (NASCIMENTO, 1983).

No ensaio *Por um território (novo) existencial e físico* (Nascimento, 1992), expressa que, ao retornar para o espaço acadêmico, o exercício poético e a crítica à razão ocidental e europeia a fazem repensar esse processo:

1) O retorno, após dez anos, à Universidade e ao ritual acadêmico. Devido a uma atitude crítica também tinha abandonado o discurso e a literatura específica. Enveredei por esses anos pelo cinema, pela literatura e pelo exercício da poesia, da prosa e do ensaio. [...] Ao dedicar-me novamente à área acadêmica, sinto-me aprisionada pela forma literária necessária a esta ritualização do conhecimento. Significa dar uma enorme volta à expressão,

provocando-me uma rejeição física ao material escrito.

2) A origem dessa rejeição também repousa numa negação ao pensamento racionalista ocidental, que por tanto tempo fez parte da minha formação pessoal (NASCIMENTO, P.04).

Como parece não haver muitos textos de Beatriz, datados do início dos anos 1990, há limites em se imaginar o alcance dessa recusa ao eurocentrismo no pensamento e nos posicionamentos. No entanto, a partir do que está registrado nos poemas, aforismos e em *Orí*, é notório que, nessa fase, ela amplia o repertório temático para a corporeidade, a imagem e o território.

REBOBINANDO O FILME DO MOVIMENTO NEGRO

Até o início do século 21, *Orí* aparece como o trabalho mais conhecido de Beatriz Nascimento por trazê-la como autora e narradora dos textos, além de pesquisadora e da inclusão de imagens pessoais e familiares¹⁸. O filme, bas-

tante premiado, é exibido em festivais de cinema e eventos negros, além de ser inserido na programação televisiva em momentos como o Dia da Consciência Negra. Ela passa a divulgar *Orí* por várias vezes retomando o percurso do movimento negro, tematizado no documentário.

Ao formular uma interpretação do documentário, numa entrevista a Jônatas Conceição para o Jornal do MNU, Beatriz enuncia *Orí* como metáfora da recriação do movimento, da ocupação de espaços e da conquista da voz pública, em meados dos anos 1970, durante a ditadura militar:

O processo de Orí é uma recriação de identidade nacional através do movimento negro da década de 1970. Nós, na década de 70, éramos mudos. E os outros eram surdos a nós. A partir de 70, começamos a falar sociologicamente. E esta lógica estava embutida no processo da própria História do Brasil (NASCIMENTO, 1989b, P. 06).

Nessa abordagem a constituição do movimento negro contemporâneo traz, no conjunto, um processo de auto-consciência, individual e coletiva, acerca da inserção negra na história da sociedade brasileira. Ao divulgar o documentário e, ao “rebobinar o filme” do movimento, Bea-

triz se reposiciona e o relê, dialeticamente, com os olhos de *Orí*, do filme e da cabeça refeita:

Na verdade, eu acho que Orí é aquele iniciado. O movimento iniciado que passou por todas as suas etapas de iniciação e reiniciação. E agora sugere ao país um ressurgimento. É um ressurgimento porque a concepção de Orí dentro da História do MN [movimento negro], dentro da História do Brasil, é sair da repressão. Sair da Senzala, ir pro Quilombo (NASCIMENTO, 1989a, P. 06).

Dando continuidade como protagonista e observadora do movimento, ELA refere-se a uma das fontes do filme *Orí*, vinculando mais uma vez a questão racial à nacional e ao drama pessoal. Este é um ponto de vista que distingue e, ao mesmo tempo, amalgama planos individuais e coletivos, com planos políticos/organizativos, igualmente objetivos/ subjetivos.

Da década de 1970 em diante, existem pontos de inflexão na trajetória dos movimentos negros ancorados em grupos e eventos: em 1978, a criação do MNU e os 90 anos da abolição; em 1988, o centenário da abolição

e a promulgação da Constituição Federal que na qual o racismo é criminalizado, reconhece-se a importância da memória dos segmentos étnico-raciais formadores da nação e é anunciado o direito à terra para quilombolas; em 1995, a comemoração dos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares. Para além de efemérides, são referências que marcam a enunciação e a reverberação da voz negra em vários espaços e escalas: do local e regional ao nacional, da saúde, educação e trabalho ao gênero e ao campo da chamada “questão étnico-racial”.

Na cidade do Rio de Janeiro, na tarde do dia 11 de maio de 1988, organizações do movimento negro convocam a Marcha contra a Farsa da Abolição saindo da Igreja da Candelária com destino ao Monumento a Zumbi dos Palmares, na Praça Onze. A Polícia Militar, com um contingente de centenas de soldados, na intenção de impedir manifestações do Panteão de Duque de Caxias, interrompe a passeata¹⁹. Entrevistada após o evento, Beatriz relembra e reavalia o papel dela e de Eduardo que estiveram à frente do “movimento negro acadêmico”, entre Rio de Janeiro e São Paulo, também presente em outros estados. Para ela o marco temporal consiste na aglutinação que se deu no Centro de Estudos Afro-Asiáticos:

Como você disse, eu participei do movimento negro no seu início, na sua advance e naquele momento era necessário que pessoas como eu, como Eduardo

Oliveira e Oliveira... Era um momento muito difícil, um momento nacional muito difícil... Você se lembra disso... em pleno AI-5. A partir de 74, havia pouco trânsito entre as pessoas naquele período, e, era necessário que alguns indivíduos tomassem determinadas atitudes frente a questão racial, sem envolver muito os outros... no sentido de não colocar os outros em situação de perigo, porque nós vivíamos na situação de perigo. Então, nós começamos o debate. Eu, Eduardo Oliveira e Oliveira, algumas outras pessoas que ainda estão no movimento... principalmente nós dois que fizemos vários trabalhos em conjunto. principalmente no Rio e em São Paulo. Trabalhamos muito bem ao nível do escrever,

*buscando tomar o lugar que
éramos como professores, que nós
éramos enquanto acadêmicos*
(NASCIMENTO, 1988).

Por ocasião da exibição de *Orí* em Florianópolis, em novembro de 1990, no evento Sou Negro, promovido pela Fundação Cultural Prometheus Libertus, Beatriz redige o ensaio *Carta de Santa Catarina* no qual rememora a formação do movimento negro, particularmente no Rio de Janeiro:

*Os encontros dos vários
indivíduos do movimento negro,
desde a década 70, constituíram-se
de reuniões nas quais a função
característica, síntese orgânica,
psicológica, espiritual, geracional
e genealógica da inteligibilidade
dava-se enquanto grupos e inter-
grupos. [...]
Logo aglutinam-se diferentes
tendências, a maior parte de
caráter conflitante: interesses*

*pessoais e existenciais,
transformam-se pela primeira
vez na História de movimentos
em pulsões coletivas, portanto
de característica política*
(NASCIMENTO, 1990, P.01).

No mesmo texto, Beatriz acrescenta mais camadas à interpretação do filme com destaque para o poética nele impressa pela direção, pela narração e pela montagem:

*Ao ser finalizado em 1989,
a meu ver Orí guardou
vários documentos de caráter
arqueológico, arquétipo e
histórico. Nesse momento, a
trilha sonora e sua sonoridade
musical tomam a forma
documental, realizando aquilo
que foi o caminho descoberto para
seu complemento formal: a poesia
e a música.* (NASCIMENTO, 1990, P.07).

Em um dos trechos do filme, a narradora enuncia uma proposição acerca da representação visual negra na diáspora:

“É preciso a imagem para recuperar a identidade. Tem-se que tornar-se visível [...] A invisibilidade está na raiz da perda da identidade” (NASCIMENTO, 1989a).

Beatriz fez e disse, como uma teoria impressa no corpo, um movimento que forma uma pessoa, uma pessoa que traduz o movimento, percurso que intervém “no destino nacional e coletivo, regional e coletivo, familiar e geográfico” (Nascimento, 1990, p. 04).

A distância que podemos ter em termos de tempo, espaço e coletivo, pode dificultar em parte a compreensão desses processos. Diante de um conjunto de textos e imagens, cabe uma atitude sankofa: voltar ao passado, buscar algo deixado para trás, esquecido ou apagado, e pautar o futuro²⁰.



[09]

EUROPEAN
ATLANTICA

NO conjunto levantado dos textos escritos, sobretudo os publicados e falados (transcritos e disponibilizados), Beatriz também se dedicou ao tema da mulher negra. Em alguns artigos se posiciona face ao tema, a exemplo de Mulher negra e mercado de trabalho em que retorna ao passado escravista e sexista do país e articula as dimensões de raça, gênero e classe. Os patamares por onde ela se movia – do discurso público originário de uma pesquisa (busca) que não defendia nenhuma neutralidade asséptica – apontam para as possibilidades e para os limites postos para a militância acadêmica.

A partir da experiência e da reflexão enquanto mulher negra, Beatriz ousou atravessar as barreiras de raça e gênero. Como parte de uma vasta e variada coletividade, deslocou-se para além de outra fronteira: a negação ou a exceção das mulheres negras no espaço acadêmico e intelectual.

Ao que consta nos acervos e nos relatos, ela não integrou nenhuma organização de mulheres. Entre relações de estudo e militância, foi reconhecida por circuitos feministas através da publicação de alguns textos, de convites para palestras e também para o recebimento do título Mulher do Ano, em 1986, concedido pelo Conselho Nacional da Mulher Brasileira. Um esboço de projeto de pesquisa intitulado *O papel da mulher nos quilombos brasileiros: resistência e vida* indica a pretensão de continuar o estudo acerca de quilombos com o foco nas mulheres quilombolas.

As elaborações e projeções iniciadas, ampliadas, aprofundadas ou mesmo deixadas incompletas, comportam os registros e os indícios de uma mulher afrodiaspórica,

com licença da redundância, que via a gente negra em diáspora. O silêncio que marca a interrupção da trajetória é paulatinamente seguido de uma retomada.

PASSAGEM E RETOMADA

1994 Final de janeiro. Na noite do sábado do dia 28, Beatriz Nascimento está com outras pessoas na área da calçada de um bar situado no bairro de Botafogo. Segundo algumas matérias jornalísticas, chega ao local um homem branco, 35 anos, mergulhador, cumprindo pena como albergado em face de um homicídio e outros ilícitos, namorado de uma conhecida dela que passava com ele por um histórico de agressão. Após travarem uma discussão, saca um revólver e atinge letalmente a historiadora, militante, professora, poeta e mãe. E foge (Batista, 2016; Arquivo Nacional, 2018)²¹.

A cena política negra no Rio de Janeiro estava impactada por outras perdas recentes. Na madrugada do dia 12 de junho de 1994, Hermógenes de Almeida Silva Filho, 39 anos, poeta e professor, e Reinaldo Guedes de Miranda, advogado, assessores da vereadora Jurema Batista, são mortos a tiros no bairro do Encantado, Zona Norte do Rio. Ambos estavam investigando as chacinhas da Candelária e Vigário Geral²². Antes, receberam cartas com ameaças racistas e homofóbicas. Na manhã de 10 de julho, após menos de um mês, Lélia Gonzalez, que retorna de um longo período enferma com *diabetes mellitus* e assume a direção do Departamento de Socio-

logia e Política da PUC-Rio, vem a falecer aos 59 anos, com infarto do miocárdio (Viana, 2006, p. 132-134; Ratts e Rios, 2010, p. 151-156).

Na ocasião da passagem da mãe, Bethania Nascimento Freitas Gomes tem 20 anos, reside em New York e trabalha na Companhia de Dança-Teatro do Harlem. Vem para o Rio de Janeiro. Na segunda, 30 de janeiro, o velório ocorre na Capela do Cemitério São João Batista. Matérias jornalísticas indicam a presença de mais de trezentas pessoas no sepultamento. Na ocasião, dentre algumas homenagens, Helena Theodoro lê um texto redigido de próprio punho e Zezé Motta canta *Senhora Liberdade* da autoria de Nei Lopes e Wilson Moreira. Uma das estrofes se refere a sonho, amor e finitude:

VIOLENTA EMOÇÃO, POIS
AMAR FOI MEU DELITO
MAS FOI UM SONHO
TÃO BONITO
HOJE ESTOU NO FIM
SENHORA LIBERDADE
ABRE AS ASAS SOBRE MIM

Políticos, acadêmicos, artistas e militantes dos movimentos negros se mobilizam para denunciar a morte violenta e apelam para um encaminhamento do caso. Além da família, os jornais destacam alguns nomes de pessoas que lamentam a morte e/ou se empenharam pela prisão do homicida: Benedita da Silva, Jurema Batista, Ivanir dos Santos, Muniz Sodré. Onze dias após o ocorrido, o mergulhador foi preso. Após pouco mais de um ano, teve a pena decretada em dezessete anos. Quase todas as matérias consultadas trazem um sintético obituário de Beatriz Nascimento ressaltando a formação acadêmica, os estudos e as pesquisas, em correlação ao ativismo.

Vários textos de pessoas ou grupos – cartas e depoimentos – relativos ao episódio, estão acondicionados no acervo do Arquivo Nacional. Alguns são publicados. As palavras de Helena Theodoro, companheira de estudos e militância, contribuem para que se possa aquilatar a perda. O discurso transita entre discorrer sobre a vida de mulheres negras e tratar de Beatriz, sua semelhante:

Vida de mulher, especialmente mulher negra, envolve demasiados imbricamentos! Nossas rotinas diárias envolvem o nutrir, o organizar, o administrar a vida... Em meio a tudo isso, temos as tarefas normais do mundo tecnológico, caracterizador da pluricultura que vivemos: fax, computador, telefones em conferência. [...] Suas histórias se entrelaçavam com a de seu povo. Historiadora por profissão e vocação, sempre buscou desvelar as verdades escondidas nas verdades de outros, que não percebem as

realidades da realidade, as várias verdades embutidas num fato... (Theodoro, 1996, p. 25-26).

No texto intitulado *Sobre Beatriz*, enviado a José Maria Nunes Pereira, Muniz Sodré inicia com uma acurada reflexão sobre o curso da vida de pessoas negras diante do passado escravista e da diáspora africana:

Como trilhar um caminho conciliatório com a vida, quando o real por ela apontado parece sempre estranho e angustiante? Esta, a questão debatida, verrumada, por toda uma geração de jovens negros que, nas últimas décadas, tem trazido a público, de um modo ou de outro, seu inconformismo com a situação social ou existencial dos descendentes de escravos no Brasil.

É uma história por demais conhecida: em 107 anos de alforria, os tetranetos da África, filhos do Brasil, não foram devidamente perfilhados como cidadãos; liberados no papel, permanecem enquanto grupo, na segunda classe da História Social (Sodré, 1995)23.

Os últimos parágrafos do amigo e orientador trazem um desenho da intelectual e militante, incluindo anseios e dilemas:

Beatriz Nascimento foi uma dessas pessoas atravessadas pela angústia daquele famoso “resíduo insolúvel” no processo da modernidade, sobre o qual sociólogos e

antropólogos vivem construindo suas teses. Eu a conheci de perto, percebi que ela sabia e sentia que, no resto insolúvel, parece jogar um certo destino, inaceitável para a consciência da pessoa negra.

Tentou, como intelectual (professora de História, conferencista, escritora) compreender e superar o trágico oriundo da dívida simbólica do ser negra. Tinha largo trânsito na comunidade (Sodré, 1995).

O poeta Éle Semog, igualmente amigo, volta-se para o fazer historiográfico de Beatriz Nascimento constituído por uma perspectiva distinta da que se faz no espaço acadêmico, por ser ancorada na própria experiência diaspórica:

Como poucos trataram a história, e a história do negro no Brasil, nossa Beatriz não tece loas e não bajula os guardiões da Academia. Seu olhar negro e científico devassa os alfarrábios de meios-sentidos, de meias histórias. Nossa Beatriz rompe com aquelas verdades, porque o fato real que a história lhe anuncia é que nenhum povo pode se conduzir por um fio de dor tracejado no caminho (Semog, 1995)24 .

Helena Theodoro se debruça sobre as principais contribuições de Beatriz: a pesquisa acerca dos quilombos, o filme *Orí* e a construção pessoal e identitária de uma mulher negra. Nas partes finais do texto, escreve sobre a morte, o feminicídio, aquilatando a perda da companheira de militância acadêmica:

De repente, não mais que de repente, o pranto: nossa Bia vira história de jornal, relatório policial... [...]. Só que aqueles tiros mudaram não apenas o curso de sua história, mas de nossa história. Perdemos Maria Beatriz Nascimento, que fez nascer em nós a certeza da resistência e da luta de um povo: do povo negro brasileiro. Suas pesquisas sobre quilombos ajudaram a mudar nossa historiografia. [...]. Mulheres negras vistas apenas como símbolo sexual ou como amas-de-leite não fazem parte do nosso futuro, esteja certa! Mulheres como Maria Beatriz Nascimento, que ousaram pensar, discordar, contestar e criar um modo próprio de ser no mundo, pagam um preço alto por esta ousadia (Theodoro, 1996, p. 28)²⁵

É difícil aquilatar uma perda como essa para a coletividade negra militante. Nos circuitos racialistas e sexistas da ciência, da arte e da política, no quadro de um país que passa por uma ditadura militar e entra em um período de redemocratização, com um estado marcado pelo racismo institucional, o apagamento e o esquecimento são apontados por quem é semelhante ou se solidariza com Beatriz e com a gente negra.

1995 Em novembro, em Brasília, acontece a Marcha Zumbi dos Palmares, que demarca a rememoração dos 300 anos da morte do último líder do quilombo, e também o I Encontro Nacional de Comunidades Negras Rurais. As questões e as temáticas demandadas pela militância, com a participação de intelectuais como Beatriz Nascimento, tomam corpo, tornam-se discursos e pressionam

o estado e os governos. É um período em que os movimentos negros ampliam e aprofundam a agenda política: gênero, saúde, educação, terra.

Nos anos seguintes, as feministas negras mantêm o nome e a memória de Beatriz e Lélia. Em algumas universidades, a presença negra cresce paulatinamente. Formam-se Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs). No entanto, nas áreas de humanidades, as autorias negras raramente são referidas nas ementas dos cursos e nas publicações. Alguns autores são mencionados, a exemplo de Abdias Nascimento e Clóvis Moura.

ANOS 2000 Em novembro, na Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, é realizado o I Congresso Nacional de Pesquisadores Negros (COPENE), no qual é fundada a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Em algumas universidades são implementados programas e projetos de ações afirmativas com adoção de cotas raciais, processo que contribui para a alterar a composição étnico-racial do corpo discente.

Em termos de *Retomada da Memória* de Beatriz Nascimento, a série *Heróis de Todo Mundo* do Canal Futura, composta por vídeos curtos sobre personalidades negras e dirigida por Luiz Antonio Pilar, traz um episódio dedicado a ela, com referências a seus trabalhos e contendo várias fotografias [atriz]²⁶.

Como é sabido, insiro-me nesse cenário com duas coletâneas: uma que se constitui na primeira edição deste livro e contém oito ensaios e alguns poemas, e a outra feita com Bethania, que almejava publicar os poemas de autoria da mãe:

- *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento* – Alex Ratts (2006)
- *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento* – Alex Ratts e Bethania N. F. Gomes (2015).

Entre essas duas coletâneas, posteriormente, são publicados muitos artigos que trazem como tema a trajetória, parte da obra publicada e o filme *Orí*. Depois, textos de Beatriz Nascimento são republicados em coletâneas, especialmente os ensaios acerca da mulher negra: *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto, organizado* por Heloisa Buarque de Hollanda (2019) e *Vozes insurgentes de mulheres negras: do século XVII à primeira década do século 20*, conduzida por Bianca Santana (2019). Há obras que têm verbetes sobre Beatriz Nascimento, por exemplo a *Enciclopédia NEGRA* (Gomes et al, 2021) e o *Dicionário biográfico: histórias entrelaçadas de mulheres afrodiaspóricas* (Marinho e Simoni, 2024).

Em meados dos anos 2010, e na década em curso, são realizadas pesquisas acadêmicas voltadas para a obra e a trajetória, principalmente no campo da história:

- *Palavras sobre uma historiadora transatlântica: estudo da trajetória intelectual* de Maria Beatriz Nascimento – Wagner Vinhas Batista (2016), tese em estudos étnicos e africanos (UFBA)
- *Beatriz Nascimento vive entre nós: pensamentos, narrativas e a emancipação do ser* (anos 70/90) – Rodrigo Ferreira dos Reis (2020), dissertação em história (UFSC);

- *Tem-se que se tornar visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro: Maria Beatriz Nascimento e a reescrita da história do Brasil* – Maria Lídia de Godoy Pinn (2021), dissertação em história (UFOP);
- *Uma escrita negra da história: o projeto intelectual de BEATRIZ NASCIMENTO* – Tailane Machado Santos (2024), dissertação em história (USP).
- *Historiadoras negras da diáspora: o pensamento e o ativismo intelectual* de Beatriz Nascimento (Brasil) e Daisy Rubiera (Cuba) (1974-2016) de Giselle dos Anjos Santos (2024), tese em história (USP).

Parte significativa desses estudos é realizada por pessoas negras, algumas delas vinculadas à Rede Historiadorxs Negrxs, que realiza várias intervenções conjuntas em jornais e nas redes sociais. Nesse horizonte, Beatriz Nascimento é reconhecida como a primeira historiadora negra da contemporaneidade.

No presente, a publicação e reedição de obras de determinadas autorias negras – Abdias Nascimento, Clóvis Moura, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro – indica o interesse no pensamento negro ausente ou relegado a segundo plano na academia brasileira. No que concerne à Beatriz Nascimento, existem algumas coletâneas, dentre as quais organizei duas:

- *Beatriz Nascimento: quilombola e intelectual* – União dos Coletivos Pan-Africanistas (2018)
- *Uma história feita por mãos negras: reações raciais, quilombo e movimentos* – Alex Ratts (2021)

- O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa – Alex Ratts (2022)
- The dialectic is in the sea: the Black radical thought of Beatriz Nascimento – Christen Smith, Bethania N. F. Gomes e Archie Davies (2023)

Esta última obra advém de um empreendimento de alguns anos na tradução para o inglês e, notoriamente, possibilita a leitura de Beatriz Nascimento em escala transnacional. Um vasto conjunto de iniciativas a traz referenciada em exposições, feiras literárias e trabalhos artísticos. Um deles é o espetáculo *Eu sou atlântica* da atriz, cantora e ativista Lúcia Gato, montado como um recital dos poemas e, redesenhado na forma de um monólogo, acrescido de aforismos e trechos de ensaios.

É uma retomada, decerto. Para usar um de seus termos, é uma recuperação – da palavra e da imagem, transbordando da história e áreas afins para as artes. É uma reparação no contexto acadêmico, onde grassa o racismo epistêmico, a negação da validade de conhecimentos de coletividades africanas, negras, indígenas, camponesas, encapsuladas como “objeto de estudo”. É um processo de descolonização, como Beatriz e Eduardo, à sua maneira, propugnavam: o “objeto” tornou-se sujeito – da voz, do posicionamento, dos registros escritos e audiovisuais e da reinscrição nos mapas.

MAIS QUE FUGAS, BUSCAS

Em meu entendimento, existe uma geografia, um repertório de espaços, no pensamento de Beatriz Nascimento. Ela pode ser identificada como uma figura representativa do Atlântico negro, um extenso espaço cultural e político (Gilroy, 2001), tendo em vista o horizonte “geocultural” das ideias e das viagens pela triangulação entre Europa, América e África e por conectar as experiências pessoais com aquelas da coletividade diaspórica à qual pertence:

*Ó paz infinita, poder fazer
elos de ligação numa história
fragmentada. África e América
e novamente Europa e África.
Angola. Jagas. E os povos do
Benin de onde veio minha mãe.*
EU SOU ATLÂNTICA (NASCIMENTO, 1989A).

Para a mobilidade, quase sempre forçada, da população negra trabalhadora, dentro do Brasil, entre o rural e o urbano, entre o Nordeste e Norte ou o Sudeste, ela cunha o termo transmigração. Para o deslocamento de África para a América, interceptado pela Europa, concebe a ideia de **transatlanticidade**.

Escrever na primeira pessoa foi uma escolha de Beatriz Nascimento a qual acompanho nesse diá-

logo com a obra e no encontro com a trajetória. São textos que remetem a contextos, num trocadilho adequado. Uma vida é vivida em fragmentos e quem escreve a respeito de uma persona faz escolhas às quais atribui sentido. Aproximar-se de alguém que estará inexoravelmente distante no mundo sensível é um esforço de reconhecimento e, ao mesmo tempo, de distanciamento. O dilema entre a escolha do foco e das temáticas, e a estatura da persona em pauta é bastante intrincado e tem algo de muito árduo.

Nesse ponto, interrompo este fluxo de palavras que se justapõem às outras que escrevo acerca dela e se constituem, ao mesmo tempo, como pesquisa crítica e sensível, permeadas pela proximidade com pessoas dos circuitos familiar e de amizade de Beatriz. Num impulso poético, parafraseio a canção composta por Chico Buarque e Edu Lobo, desdizendo uma parte da letra: Não é pintura o rosto da atriz, não é divina a vida da atriz, ela não dança no sétimo céu, ela não acredita que é outro país e ela não decora seu papel. Repito: “Não é de louça, não é de éter, não é loucura, não é cenário a casa da atriz” e reafirmo: “Sim, me leva para sempre beatriz, me ensina a não andar com os pés no chão. Para sempre é sempre por um triz”.

Eu a imagino serena, irada, cansada, alegre, pensativa, disposta... A grandeza da alma de uma pessoa, em contraposição à vida breve de indivíduos significativos que se constituíram como “individualidades fortes” (Santos, 1999), leva-nos a equações de aparente incongruência. Beatriz Nascimento continua sendo uma referência “intelectual ativista insurgente” (hooks; West, 1991), mas também passível de crítica. Por tudo que fez e disse é alçada à imagem de

mulher negra quase ícone e que pode estar próxima. Sua noite não adormece em nossos olhos, paráfrase do que nos solicita o poema a ela dedicado por Conceição Evaristo (2000).

Por fim, fico com suas palavras, por vezes incandescentes ou ternas, uma escrita negra, jamais embranquecida, que não desaparece entre as páginas impressas ainda majoritariamente brancas. A Beatriz, o que a ela pertencia e havia de ser dela e que atravessou meu/seu corpo/trajeto. O texto, a voz e o silêncio seguem por outras veredas, em outras viagens acompanhadas das trilhas sonoras do *Atlântico Negro*, profundas e extensas como em uma conjugação imagética, uma paisagem corpórea e musical, entre Sol e *Blues*:

A CAMINHAR

A QUEM PROCURO?
EM QUE CORPO QUERO ESTAR

EM QUE CAMA REPOUSA
ESPÍRITO TÃO INQUIETO?

NAS ROTAS DE SOL, EM
RITMO BLUES

EM REMANSOS PASSADOS
EM FECHADOS FUTUROS
EM FURIOSO SILÊNCIO

Em furioso silêncio.



[10]

PALAVRAS
DE
RECONHECIMENTO

UM trabalho desse tipo não seria possível sem o estímulo e o apoio de determinadas pessoas. Algumas estimularam a elaboração da pesquisa e do livro, colaboraram com o estudo e acompanharam a escrita e as reflexões. A gratidão é sinônimo de reconhecimento e vem na forma de uma nominata.

Na primeira edição: Carlos Serrano pela indicação do acervo de *Orí*, Rosane Borges e Cidinha da Silva pela publicação, e, particularmente, Sueli Carneiro, pelo prefácio que me demarca e me delineia.

Na família Nascimento: Luena Nascimento Nunes Pereira, Isabel Nascimento, José Maria Nunes Pereira, Evorah Nascimento e, especialmente, Bethania Nascimento Freitas Gomes.

Nas instituições: Odete Ferreira (em memória) e Lourdes dos Santos no Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo e Beatriz Monteiro, supervisora da equipe de documentos privados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Na concessão de textos pertencentes a acervos pessoais para a primeira edição: Cristina Guimarães, Nelson Inocêncio e Sales Augusto dos Santos.

No horizonte negro intelectual militante: Luiza Bairos (em memória), Azoilda Trindade, Andreino Campos (em memória) e também Rafael Pinto, Amauri Pereira, Joselina Silva, Helena Theodoro, Conceição Evaristo e Kabengele Munanga.

Na pesquisa com a trajetória e a obra de Beatriz Nascimento: Tailane Machado Santos, Giselle dos Anjos Santos, Rodrigo Ferreira Reis, Wagner Vinhas e Rafael Trapp. Na tradução e interlocução: Christen Smith e Archie Davis. Na assistência: Joselma Meneses.

No trabalho com a intelectualidade negra: Matheus Gato, Flávia Rio e João Alípio de Oliveira Cunha. Na afinidade poética: Joyce Prado.

Nas trocas coletivas: Alcebíades Filho e Sandra Martins do Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR); NEGRER/Cícera Nunes do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Relações Étnico-Raciais da Universidade Regional do Cariri (NEGRER/URCA); Valéria e Verônica Carvalho do Terreiro das Pretas; e ao pessoal do Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-Raciais e Espacialidades da Universidade Federal de Goiás (LaGENTE/UFG).

Nas leituras e conversas relativas a partes desse texto: Bia Silva, Joílson Marques, Queila Rodrigues, Gil Santos, Fernando Primo Nascimento, Ana Paula de Melo Silva, Diogo Cirqueira e Daya Gomes.

Na feitura do livro desde os primeiros encontros: Maitê Freitas, da Editora Oralituras; Christiane Gomes, da Fundação Rosa Luxemburgo; e Silvana Martins, ilustradora.

No acompanhamento solidário desse percurso, no afeto incondicional e na atenção cuidadosa para com meu orí: Manu Kelé, Lúcia Gato e Kênia Costa.

Ao fim, sustento a palavra dita no fechamento da primeira edição: de um lado, por vezes errático, como personagem de um poema de Beatriz Nascimento, indago a mim mesmo “quantos caminhos percorro” e sigo como o único responsável do texto que apresento. De outro lado, porto a certeza de que, junto a algumas motivações profundas, é com determinadas pessoas, em especial aquelas companheiras de diáspora, que nossos saberes/fazeres adquirem sentido.

Ao começo: Nzambi, Nzazi e Dandalunda.

Ao recomeço: Njinga Mbandi, Zumbi e Beatriz Nascimento.



P0ÉTICAS

EVARISTO, Conceição. A noite não adormece nos olhos das mulheres. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (Org.) O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro, Pallas/Criola, 2000, p. 20-21.

NASCIMENTO, BEATRIZ. Acontecimentos. SD. Datilografado. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 24. Envelope 2.

_____. Sol e Blues. 17/02/1990. Datilografado. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 24. Envelope 2.

_____. Insegurança. 23/01/1988. Datilografado. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 17.

_____. Surto Final (Estação Terminal). 1987. Datilografado. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 17.

_____. Se eu pudesse encontrar o fio. 28/08/1987. Datilografado. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 17.

_____. Rotas. 12/08/1987. Datilografado. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 17.

_____. Paciência. 16/10/1986. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 24. Envelope 2. Caderno com poemas datilografados.

_____. A primeira grande perda – a morte de vovó. 1983a. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 14.

_____. Estudo em Mi Maior, Opus 10, N° 3. 1983b. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 14.

SONORAS

BEATRIZ. Composição: Chico Buarque e Edu Lobo. O grande circo místico. Rio de Janeiro, Velas, 1983. Duração: 06:04 min.

CANÇÃO DO NOVO MUNDO. Composição: Beto Guedes e Ronaldo Bastos. Milton Nascimento – ao vivo. Rio de Janeiro, BMG/Ariola, 1983. Duração: 03:30 min.

SUBÚRBIO. Composição: Luiz Antônio. Grandes momentos com Elizeth Cardoso. Rio de Janeiro, EMI, 1962. Duração: 02:42 min.

AUDIOVISUAIS

ORÍ. Direção: Raquel Gerber. Textos e narração: Beatriz Nascimento. São Paulo, Angra Filmes, 1989. 90 min.

TEATRAIS

BOAL, Augusto; **LOBO,** Edu. Arena Conta Zumbi. Texto e Trilha Sonora. Rio de Janeiro, Som Maior, 1965.

EPISTOLARES

ANGRA FILMES. Doação Arquivo Pesquisa p/ o filme “Orí” de Raquel Gerber – O processo da Consciência Negra – Décadas de 70/80. São Paulo, [sem dia e mês] 1993. Acervo do Centro de Estudos Africanos – Universidade de São Paulo.

CARTOGRÁFICAS

BLOEM, João. Carta corographica para a divisão das comarcas, termos e municípios da província de Sergipe Del Rey, organizada pelas informações, exames e de várias cartas as mais exactas que existem até hoje. 1844. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/20366> Acessada em: 10/07/2023.

JORNALÍSTICAS

CARDOSO, Hamilton B. O quilombo de cada um. São Paulo, Folha de São Paulo, Folhetim. 22/11/1981. Angra Filmes. Arquivo Pesquisa p/ o filme “Orí”. 1993. Acervo do Centro de Estudos Africanos – Universidade de São Paulo.

GERBER, Raquel. Volta à terra da memória. São Paulo, Folha de São Paulo, Folhetim. 22/11/1981. Angra Filmes. Arquivo Pesquisa p/ o filme “Orí”. 1993. Acervo do Centro de Estudos Africanos – Universidade de São Paulo.

GOMES, Pedro. Zona Norte. Zona Sul. Manchete. N° 37. 03/01/1952, p. 04-07.

MARTINS, Marília. Preto no branco: história da escravidão começa a ser rescrita. Rio de Janeiro, IstoÉ, 20/04/1988, p. 39-41.

QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

SANTOS, Milton. O intelectual anônimo. Brasília, 03/06/2001, p. 05.

BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araujo. Entrevistas com José Maria Nunes Pereira. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Nº 39, jan.-jun. 2007, p. 121-156.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. Escravidão, liberdade resistência em Sergipe: Cotinguiba (1860-1888). Tese (doutorado) – Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2007.

ARRUTI, José Maurício Andion. Por uma história à contraluz: as sombras historiográficas, as paisagens etnográficas e o Mocambo. Palmares em ReVISTA, Brasília. Vol. 1, Nº 1, 1996, p. 71-96.

BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. In: WERNECK, Jurema; **MENDONÇA**, Maisa & WHITE, Evelyn C. (Org.) O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro, Pallas/Criola, 2000, p. 42-61.

BARBOSA, Jorge Luiz; SILVA, Monique Bezerra da (Org.) Estações Musicais da Leopoldina. Rio de Janeiro, Observatório de Favelas, 2018.

BARBOSA, Márcio. Frente negra Brasileira: depoimentos. São Paulo: Quilombhoje/MinC, 1998.

BASQUES, Messias. Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais. Ayé: Revista de Antropologia. Acarape. Nº1. Vol. 1, 2019, p. 101-105.

BATISTA, Wagner Vinhas. Palavras de uma historiadora transatlântica: estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento. Tese de Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos). Salvador, UFBA, 2016.

BERRIEL, Maria Maia. A identidade fragmentada: as muitas maneiras de ser NEGRO. Dissertação de mestrado em Antropologia. São Paulo, USP, 1988.

BORGES PEREIRA, João Baptista. Estudos Antropológicos das

Populações negras na Universidade de São Paulo. Revista de Antropologia. São Paulo, FFLCH-USP, Nº 24, 1981 pp. 63-74.

CARDOSO, Hamilton Bernardes. “Movimentos negros: é preciso” ou aspectos econômicos da opressão racial. Rio de Janeiro, IPEAFRO. Afrodiáspora Nº 3, 1984, p. 43-57.

CARNEIRO, Edison. O Quilombo dos Palmares. São Paulo, Editora Nacional, Edição fac-similar: 1988 [1ª Ed.: 1947].

CARNEIRO, Sueli. A mulher negra na sociedade brasileira – o papel do movimento feminista na luta anti-racista In: MUNANGA, Kabengele (Org.) História do NEGRO no Brasil. Brasília, Fundação Cultural Palmares/MinC, 2004, p. 286-336.

CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza; COSTA, Albertina Gordo de Oliveira. Mulher negra / Participação governamental e a mulher. São Paulo, Nobel / Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

ENNES, Ernesto. As Guerra dos Palmares: subsídios para sua história. 2 Vol. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1938.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo, Ubu Editora, 2020 [1ª. Edição em francês: 1952]

GERBER, Raquel. O Mito da Civilização Atlântica: Glauber Rocha, cinema, política e estética do inconsciente. Petrópolis, Vozes, 1982.

GILROY, Paul. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo, Ed. 34/Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Flavio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia M. Enciclopédia negra. São Paulo, Companhia das Letras, 2021.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

GONZALEZ, Lélia. Nanny: pilar da amefricanidade. Revista Humanidades. Brasília. Ano IV. N° 17. 1988, p. 23-25.

_____. Homenagem a Luiz Gama e Abdias do Nascimento. In: **NASCIMENTO**, Elisa Larkin (Org.). Dois negros libertários: Luiz Gama e Abdias do Nascimento. Rio de Janeiro: Ipeafro, 1985. p. 41-45.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. São Paulo, **ANPOCS**, Ciências Sociais Hoje, 2. ANPOCS, 1983, p. 223-244.

_____. Mulher negra, essa quilombola. Folha de S.Paulo. **FOLHETIM**. São Paulo, 22/11/1981, p. 04.

GRUPO DE TRABALHO ANDRÉ REBOUÇAS. Em busca de um espaço. Estudos Afro-Asiáticos 8-9. Rio de Janeiro, 1983, p. 64-66.

_____. **CADERNO DE ESTUDOS** sobre a contribuição do negro na formação social brasileira. Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia/Universidade Federal Fluminense, 1976.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Patologia social do “branco” brasileiro. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 24/07/1955. Republicado em: RAMOS, Alberto Guerreiro (Aut.); BARBOSA, Muryatan (Org.) Negro sou: a questão étnico-racial e o Brasil: ensaios artigos e outros textos (19479-1971). Rio de Janeiro, Zahar, 2023, p. 225-252.

_____. O negro desde dentro. Revista Forma. Rio de Janeiro, 03/10/1955. Republicado em: RAMOS, Alberto Guerreiro (Aut.); **BARBOSA**, Muryatan (Org.) Negro sou: a questão étnico-racial e o Brasil: ensaios artigos e outros textos (19479-1971). Rio de Janeiro, Zahar, 2023, p. 195-205.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, bell & West, Cornell. Breaking bread: insurgent black intel-

lectual life. Toronto, Between The Lines, 1991.

HOOKS, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; **MENDONÇA**, Maisa & **WHITE**, Evelyn C. (Org.) O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro, Pallas/Criola, 2000, p. 111-115.

_____. **HOOKS**, bell. Intelectuais Negras. Estudos Feministas. Florianópolis. Vol. 3. N° 2, 1995, p. 464-478.

INOCÊNCIO, Nelson. Representações visuais do corpo afrodescendente. In: PANTOJA, Selma (Org.) Entre Áfricas e Brasis. São Paulo, Marco Zero, 2001, p. 191-208.

LIMA BARRETO, Alfonso Henriques de. Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

LOPES, Helena Theodoro. Mito e espiritualidade: mulheres negras. Rio de Janeiro, Pallas, 1996.

LOPES, Helena Theodoro; SIQUEIRA, José Jorge & NASCIMENTO, Maria BEATRIZ. Negro e cultura no Brasil: pequena enciclopédia da cultura brasileira. Rio de Janeiro, UNIBRADE/UNESCO, 1987.

LOURENÇO, Vanessa Cândida. De objeto à sujeita: Zora Neale Hurston e os estudos da raça e da cultura na primeira metade do século XX. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. São Paulo, Universidade Federal de São Paulo, 2023.

MARINHO, Thaís Alves; SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. Dicionário biográfico: histórias entrelaçadas de mulheres afrodiaspóricas. Goiânia, Tempestiva, 2024.

MOURA, Clóvis. Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas. 3ª Ed., 1981. [1ª Ed.: 1959]

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. Revista USP N°. 28, 1995/1996, p. 56-63.

NASCIMENTO, Abdias et al. Relações de raça no Brasil. Rio de Janeiro, Quilombo, 1950.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: documentos da militância pan-africanista. Petrópolis, Vozes, 1980.

_____. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz (Aut.). RATTs, Alex e GOMES, Bethania Nascimento Freitas (Org.) Todas (as) distâncias: poemas, ensaios e aforismos de Beatriz Nascimento. Salvador, Ogum's Toques Editora, 2015.

NASCIMENTO, Beatriz (Aut.); RATTs, Alex (Org.) O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa. São Paulo, Ubu Editora, 2022.

NASCIMENTO, Beatriz (Aut.); RATTs, Alex (Org.) Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro, Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz (Aut.); SMITH, Christian; GOMES, Bethania Nascimento Freitas; DAVIS, Archie (Ed.) The dialectic is in the sea: the Black radical thought of Beatriz Nascimento. Princeton, Princeton University Press, 2023.

NASCIMENTO, BEATRIZ. O Quilombo do Jabaquara. Revista de Cultura Vozes. Petrópolis, Vol. LXIII, 1979, pp. 16-18.

NASCIMENTO, BEATRIZ. Por um território (novo) existencial e físico. 1992 [datilografado]. Arquivo Nacional – Rio de Janeiro. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 23. Documento 5. 20p.

_____. Carta de Santa Catarina. 1990 [Datilografado] 18p. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 26.

_____. A mulher negra e o amor. Jornal Maioria Falante. Rio de Janeiro. No. 17, fev.-mar., 1990, p. 03. Disponível em: <https://negritos.com.br/2020/09/10/jornal-maioria-falante/> Acessado em: 18/12/2021.

_____. Textos e narração de Orí. [Transcrição]. 1989a.

_____. Orí. Jornal do MNU. Salvador, N°. 17, set. – dez. /1989. Entrevistas realizada pelo poeta e ativista Jônatas Conceição. Angra Filmes. Arquivo PESQUISA p/ o filme “Orí”. 1993. Acervo do Centro de Estudos Africanos – Universidade de São Paulo.

_____. Eu nasci em 1968... [Manuscrito] c. 1988. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 14. Documento 8. 17p.

_____. Entrevistas (concedida a Januário Garcia e Vik Birkbeck). Rio de Janeiro, Enugbarijo Produções, nov./1988. Digitalização: Dom Filó. Acervo Cultne. Disponível em <https://acervo.cultne.tv/movimentos-sociais/mulher-negra/190/beatriz-nascimento/video/2895/especial-beatriz-nascimento-1988>. Acessado em: 18/12/2021.

_____. Hoje é dia do meu aniversário. [Datilografado] 1987. 04p. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa [...] Envelope [...]

_____. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. Afrodiáspora N°. 6-7, 1985, p. 41-49.

_____. Kilombo e memória comunitária – um estudo de caso. Rio de Janeiro, Estudos Afro-Asiáticos 6-7, 1982a, p. 259-265.

_____. Maria Beatriz Nascimento – Pesquisadora, 29 anos. In: COSTA, Haroldo. Fala, Crioulo. Rio de Janeiro, Record, 1982b, p. 194-198.

_____. Sistemas sociais alternativos organizados pelos negros: Dos quilombos às favELAS”. 1981. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Coleção 2D. Caixa 24. 67p.

_____. Conferência e debate sobre historiografia do quilombo. Quinzena do negro. 1977. Angra Filmes. Arquivo Pesquisa p/ o filme "Ori". 1993. 28p. Acervo do Centro de Estudos Africanos - Universidade de São Paulo.

_____. Zumbi de N'Gola Djanga ou de Angola Pequena ou do Quilombo dos Palmares. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 23/11/1976, p. 34.

_____. A mulher negra no mercado de trabalho (datilografado). Fundo Maria Beatriz Nascimento. Coleção 2D. Caixa 24. Publicado em: Última Hora, Rio de Janeiro, 25/07/1976.

_____. Meu negro interno. 1974c. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 22 / Documento 8. 09 p.

_____. Negro e racismo. Revista de Cultura Vozes. Vol. 68. Nº 01, jan.-fev. 1974a, p. 65-68.

_____. Por uma história do homem Negro. Revista de Cultura Vozes. Separata. Rio de Janeiro. Vol. 68. Nº 01, jan.-fev. 1974a, p.41-45.

_____. Acerca da consciência racial. [datilografado. s/d] 09p. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 23. Envelope 2.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (Org.) Andikra - Sabe-doria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

NASCIMENTO, Maria de Lourdes Vale. Nosso dever cívico. Jornal Quilombo. Rio de Janeiro. Ano II. Nº 06, p. 07/10.

OLIVEIRA, Eduardo Oliveira e. Uma quinzena do negro. In: ARAÚJO, Emanuel (Curadoria) Para nunca esquecer: negras memórias, memórias de NEGROS. Brasília, Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 2001, p. 287.

_____. Etnia e compromisso intelectual. In: GTAR (Org.) Caderno de Estudos sobre a contribuição do negro na formação social brasileira. Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia/Universidade Federal Fluminense, 1977, p. 22-28.

PEREIRA, José Maria Nunes. Centro de Estudos Afro-Asiáticos: perfil institucional e histórico. Comunicação apresentada no Seminário sobre Instituições Afro-Brasileiras. Salvador, SECNEB, 12 a 17 de janeiro de 1981 [datilografado].

PINN, Maria Lídia de Godoy. Tem-se que se tornar visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro: Maria **BEATRIZ NASCIMENTO** e a reESCRITA da história do Brasil. Dissertação de mestrado em História. Ouro Preto, UFOP, 2021.

RATTS, Alex. Entre os corpos humanos e os corpos celestes: onde ela se sente bem? [...]

_____. Corpos negros educados: notas acerca do movimento negro de base acadêmica. ReVISTA Nguzo. Londrina. Ano 1. No. 1, mar.-jul., 2011, p. 28-39.

_____. Encruzilhadas por todo percurso: individualidade e coletividade no movimento negro de base acadêmica. In: PEREIRA, Amauri M. & SILVA, Joselina (Org.) Movimento negro brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte: Nandyala, 2009, p. 81-108.

_____. A voz que vem do interior: intelectualidade negra e quilombo. In: BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.). De preto a afro-descendente: trajetórias de pesquisas sobre relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos, 2002, v. 1, p. 89-108.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. Lélia Gonzalez. São Paulo, Selo Negro, 2010.

REIS, Rodrigo Ferreira dos. Beatriz Nascimento vive entre nós: pensamentos, narrativas e a emancipação do ser (anos 70/90). Dissertação de mestrado em História. Florianópolis, UFSC, 2020.

SANTANA, Bianca (Org.) Vozes insurgentes de mulheres negras: do século XVII à primeira década do século 20. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2019.

SANTOS, Giselle C. dos Anjos. Historiadoras negras da diáspora: o pensamento e o ativismo intelectual de Beatriz Nascimento (Brasil) e Daisy Rubiera (Cuba) (1974-2016). Tese de doutorado em História. São Paulo, USP, 2024.

SANTOS, Milton. O intelectual anônimo. Correio Braziliense. Brasília, 03 de junho de 2001.

_____. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. Boletim Gaúcho de Geografia. Porto Alegre. Nº 21. Ago., 1996, p.07-14.

SANTOS, Tailane Machado. Uma escrita negra da história: o projeto intelectual de Beatriz Nascimento. Dissertação de mestrado em História, 2024.

SILVA, Joselina da. Vozes soantes no Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis: mulheres negras no pós-1945. Revista da ABPN. Vol. 01. Nº 01, mar.-jun., 2010, p. 28-38.

_____. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. Estudos Afro-Asiáticos. Salvador. Ano 25, Nº 2, 2003, p. 215-235.

SILVA, Sandra Martins da. O GTAR (Grupo de Trabalho André Rebouças) na Universidade Federal Fluminense: memória social, intelectuais negros e universidade pública. Dissertação de Mestrado em História Comparada. Rio de Janeiro, UFRJ, 2018.

SILVA, Vagner Gonçalves da. O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo, EDUSP, 2000.

SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. Rio de Janeiro, Editora CODECRI, 1979.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do NEGRO brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.

União dos Coletivos Pan-Africanistas (Org.). Beatriz Nascimento: quilombola e intelectual. Editora Filhos da África, 2018.

VOGT, Carlos e FRY, Peter. Cafundó: a África no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

_____. A “Descoberta” do Cafundó: alianças e conflitos no cenário da cultura negra no Brasil. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, Nº 8, 1982, pp. 45-52.

WALKER, Alice. Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulhista. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021 [1ª. Edição em inglês: 1983].

[01] ANTES TUDO ACONTECESSE COMO ACONTECEM AS HISTÓRIAS

¹ Início a pesquisa documental em 2002, com o acervo do filme Orí (Gerber, 1989), que contém textos, recortes de jornal e outras participações de Beatriz Nascimento, entregue ao Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo, pela cineasta Raquel Gerber (Angra Filmes, 1993), e, com o material doado por Bethania Nascimento Freitas Gomes ao Arquivo Nacional (1999). Reordenamento de 2018 e a manutenção das referências na disposição anterior.

² Os dados biográficos aqui inseridos advêm sobretudo da documentação pessoal pertencente ao acervo que se encontra no Arquivo Nacional (1999). Outras informações vêm de conversas com a irmã, Isabel, e a filha, Bethania. Eu as conheci respectivamente em 1999, em São Paulo, quando residi com Luena Nascimento Nunes Pereira, sobrinha, e em 2007, no Rio de Janeiro, no lançamento da primeira edição deste livro. Estive com Isabel algumas vezes em São Paulo, no Rio e em Goiânia.

³ Curriculum Vitae. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 21. Envelope 3. [...]

[02] É TÃO BOM O RETORNO

⁴ A partir da primeira versão desse livro, *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento* (Ratts, 2006), no tocante à Lélia Gonzalez, escrevi a biografia *Lélia Gonzalez* em coautoria com Flavia Rios (2010), e o artigo *Lélia Gonzalez e seu lugar na antropologia brasileira: “cumé que fica”?* (Ratts, 2022).

⁵ Afirmo isto a partir de levantamentos bibliográficos feitos enquanto estudante-militante na segunda metade dos anos 1990, quando curso o doutorado em Antropologia na USP, com pesquisa acerca de quilombos no Ceará. No ano de 2000, apresento comunicações em eventos com referências negras na XXII Reunião Brasileira de Antropologia, na UnB, em Brasília, e no I Congresso Brasileiro de PESQUISADORES NEGROS, na UFPE, em Recife, publicadas em forma de artigos: *(Re)conhecer quilombos no território brasileiros: estudos e mobilizações* (2000) e *A voz que vem do interior: intelectualidade negra e quilombo* (2003).

[03] QUANTOS CAMINHOS PERCORRO

⁶ Segundo essa citação e por informação de Isabel Nascimento, BEATRIZ NASCIMENTO nasceu no dia 12, mas consta, em alguns documentos, a data de 17.

⁷ Diplomas e curriculum vitae. Caixa 31 Envelope 3.

[04] ESTE PROJETO É TAMBÉM UM GRANDE SONHO

⁸ Marlene de Oliveira Cunha (São Gonçalo, 1950 – 1988): professora da rede pública de Niterói, estudante de Ciências Sociais na UFF (1971-1976), com mestrado em antropologia na USP (Cunha, 1986/2022). Para conhecer mais sua trajetória e do GTAR, consultar o estudo O GTAR (Grupo de Trabalhos André Rebouças) na Universidade Federal Fluminense: memória social, intelectuais negros e a universidade pública (1975/1995) de Sandra Martins Silva (integrante do coletivo nos anos 1990), e o artigo *Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola. À memória de Marlene de Oliveira Cunha de João Alípio de Oliveira Cunha* (2017), historiador e antropólogo, filho de Marlene Cunha e detentor de seu acervo. Em 2018, foi realizado na UFF o evento “43 anos do GTAR: ‘ainda’ em busca de espaço”, coordenado pela socióloga Flavia Rios, com uma exposição na biblioteca e mesas com a participação de fundadores e fundadoras do grupo. Ver: <https://acervo.cultne.tv/educacao/seminarios/291/grupo-de-trabalho-andre-reboucas/>.

⁹ Eduardo de Oliveira e Oliveira (Rio de Janeiro, 1923 – São Paulo, 1980). Formado em ciências sociais na USP, onde cursou mestrado em Sociologia, não concluído. Consultar a seu respeito a biografia *O ELEfante NEGRO: Eduardo de Oliveira e Oliveira – Raça e pensamento social no Brasil* (Trapp, 2020).

¹⁰ Conferência Historiografia do Quilombo (transcrição). São Paulo, Angra Filmes, 1989. Acervo do CEA-USP. GTPLUN.

¹¹ Arquivo Nacional. Fundo Maria BEATRIZ NASCIMENTO. Código 2D. Caixa 23. Envelope 1.

[05] ESSE EMARANHADO DE SUTILEZAS

¹² Os passos e as ideias dessas mobilizações podem ser vistas em: Nascimento et al, 1950; Quilombo, 2003.

[06] A TERRA É O MEU QUILOMBO

¹³ Afrodiáspora Nº 1 – Ano 1 - jan/abr 1983.

¹⁴ Kabengele Munanga (1996) indica que a palavra *kilombo* é originária da língua banto *umbundo* e constitui um agrupamento militar composto pelos *jaga* ou *imbangala* (de Angola) e os *lunda* (do então Zaire), no século XVII conhecido na África Central, nos antigos reinos de Ndongo e Matamba, mais especificamente na área formada pela atual Angola (p. 59). Segundo Munanga, a contribuição dos povos bantu na constituição dos quilombos brasileiros é incontestável, como também a de africanos de outras áreas culturais que também participaram desse processo. De forma mais direta, há várias correlações entre o quilombo africano e o brasileiro formados mais ou menos à mesma época (referindo-se a Palmares).

[07] CORPO-MAPA DE UM PAÍS LONGÍNQUO

¹⁵ É forçoso rememorar os suplícios, genocídios e epistemicídios sofridos pelos povos indígenas em terras americanas. No entanto, nas referências à escravidão nas Américas e, em especial, no Brasil, se sobressaem descrições e gravuras de mulheres e homens negros seviciados, repetidas *ad nauseam* até mesmo em publicações e exposições que se propõem a questionar as relações coloniais, desiguais e violentas.

¹⁶ “Pessoa coletiva” uma expressão cunhada por Ailton Krenak (2018).

[08] ORÍ, ESSE PROCESSO DE FAZER A CABEÇA

¹⁷ “De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio” (p. 44).

¹⁸ Portfólio. Orí. Direção: Raquel Gerber. Rio de Janeiro, Angra Filmes, 1989.

¹⁹ Marcha contra a Farsa da Abolição. Acervo Cultne. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gbbm0MeNxxk4> Acesso em: 13/08/2024.

²⁰ “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro” (Nascimento; Gá, 2009, p. 40-41).

[09] EU SOU ATLÂNTICA

²¹ Militante do movimentos negros é assassinada. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, segunda, 30/01/1995; Historiadora é morta a tiros. O Dia, Rio de Janeiro, segunda, 30/01/1995; Historiadora enterrada com música. O Dia. Rio de Janeiro, terça, 31/01/1995. A morte da ativista negra. Manchete. Rio de Janeiro, 04/02/1995; Polícia tem um dia de vitória contra bandido. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, quinta-feira, 02/02/1996; Assassino de historiadora é preso. O Globo. Rio de Janeiro. 09/02/1996. Fundo Maria BEATRIZ NASCIMENTO – Código 2D. Caixa 19 (Arquivo Nacional, 2018).

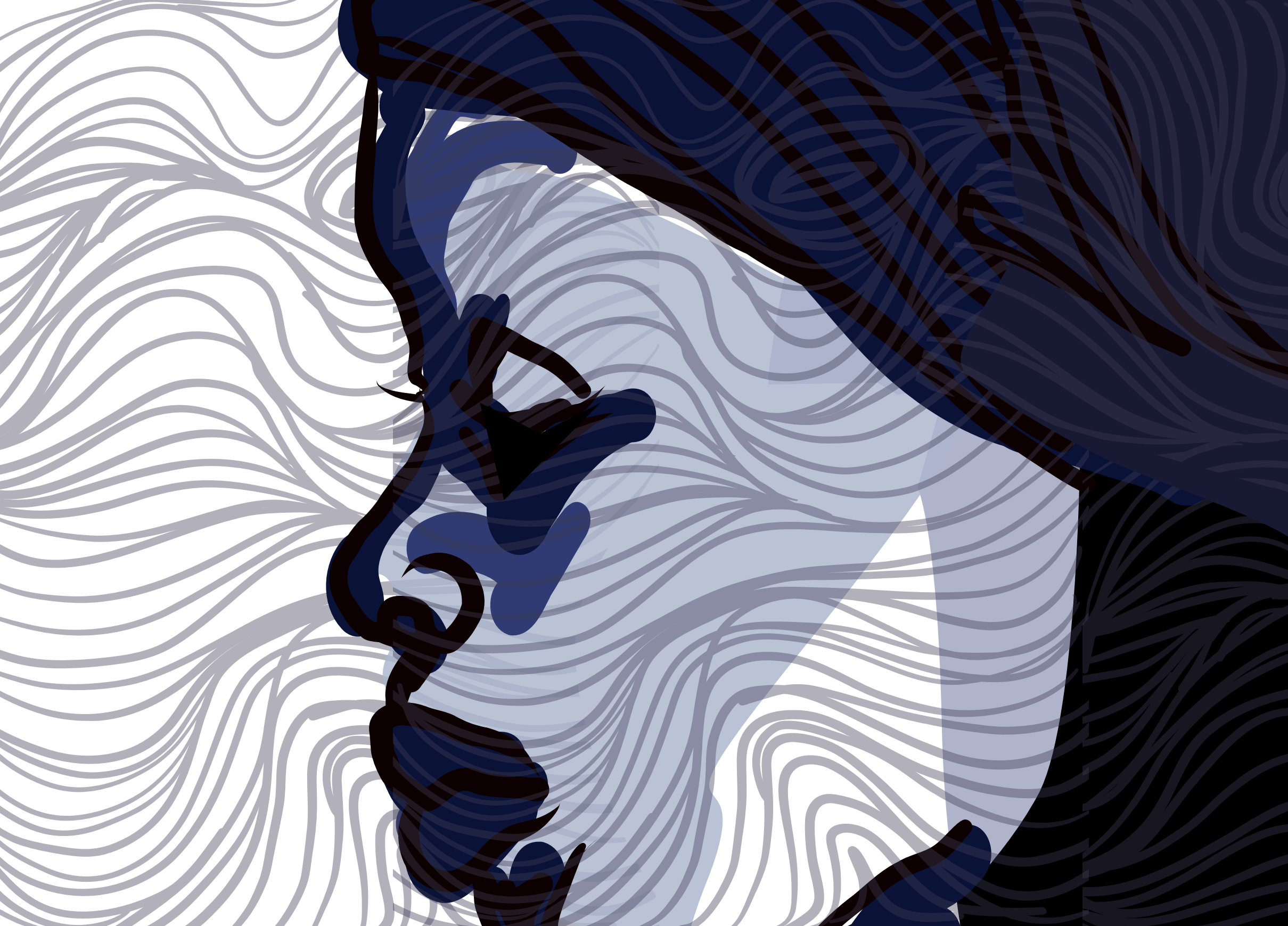
²² Assessores do PT são mortos a tiros no Rio. Folha de São Paulo. São Paulo, terça-feira, 14/02/1995; Homicídios duplos. Folha de São Paulo. São Paulo, terça-feira, 14/02/1995.

²³ SODRÉ, Muniz. Sobre Beatriz. Fundo Maria BEATRIZ NASCIMENTO – Código 2D. Caixa 19 [...].

²⁴ SEMOG, Éle. Homenagem a Beatriz Nascimento. Cor. CUT-RJ. Ano II. Nº 0. Mar./1995. Fundo Maria BEATRIZ NASCIMENTO – Código 2D. Caixa 19. [...].

²⁵ Além das missivas de Sodré e Semog, no acervo principal de BEATRIZ NASCIMENTO, há mais cartas: do Grupo de Trabalho André Rebouças, do MOVIMENTOS NEGROS Unificado, da organização de mulheres NEGRAS Criola, dos mandatos de Jurema Batista e Marcelo Dias, ambos do Partido dos Trabalhadores, do Grupo Tortura Nunca Mais e da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), e da antropóloga Maria Berriel da Universidade Federal Fluminense [...].

²⁶ Heróis de todo mundo – BEATRIZ NASCIMENTO. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/herois-de-todo-mundo/v/11497286/> Acesso em: 13/08/2024.



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ratts, Alex

Eu sou atlântica : lugares e rotas de Beatriz
Nascimento / Alex Ratts. -- 2. ed. -- São Paulo :
Oralituras Editora : Fundação Rosa
Luxemburgo, 2024.

ISBN 978-65-85129-14-5

1. Mulheres intelectuais - Brasil - Biografia
2. Nascimento, Beatriz, 1942-1995 3. Negras -
Brasil - Biografia I. Título.

24-242561

CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres negras : Biografia 920.72
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



ISSN 978-60-85129-14-5

